



Inês Filipe Fernandes da Costa

Jornalismo sem jornalistas: A sobrevivência de uma profissão

Relatório de Estágio de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientado pelo
Doutor Sílvio Correia Santos, apresentado ao Departamento de Filosofia,
Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Jornalismo sem jornalistas:

A sobrevivência de uma profissão

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	JORNALISMO SEM JORNALISTAS: A SOBREVIVÊNCIA DE UMA PROFISSÃO
Autor/a	Inês Filipe Fernandes da Costa
Orientador/a	Sílvio Correia Santos
Júri	Presidente: Doutora Isabel Vargues Vogais: 1. Doutor Carlos Camponez 2. Doutor Sílvio Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Jornalismo
Data da defesa	22-10-2015
Classificação	16 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Jornalismo sem jornalistas
A sobrevivência de uma profissão

À minha mãe,
por tudo o que fez por mim.

Agradecimentos

Antes de mais será importante agradecer à equipa da TSF que me recebeu. Mas sobretudo à Rita, que conseguiu sempre arranjar tempo para mim e que, acima de tudo, me acolheu tão bem e me fez sentir bem-vinda na redação.

À minha família de Coimbra, tão grande e tão díspar. Não tenho intenção de enumerar nomes porque a verdade é que, de ano para ano, a tal família foi mudando e todos foram igualmente importantes em alturas diferentes. Espero agora sinceramente que os que ficaram sejam para a vida. E mesmo que assim não seja, guardarei todos com carinho.

Agradecer também à minha irmã caçula, ao meu pai mas, sobretudo, à minha mãe – a quem dedico este trabalho – por tudo o que nos dá e por tudo o que fez por mim ao longo destes meus 23 anos de existência. Fazes toda a diferença. Um sentido obrigado.

E, finalmente, a Coimbra. Por me ter acolhido durante cinco anos, por me ter conseguido surpreender dia após dia e por me ter ajudado a perceber quem sou e quem quero ser daqui para a frente. À cidade dos estudantes, um até sempre.

Resumo

Este relatório é o culminar de um período de três meses de estágio num dos órgãos de comunicação nacionais que, desde sempre, dá primazia à vertente informativa mas, sobretudo, à qualidade da informação, a TSF. Neste relatório, o estágio serve de base para uma reflexão que, cada vez mais, ganha uma enorme pertinência: o futuro do jornalismo e dos jornalistas. O foco desta reflexão recai na análise das mudanças que a profissão tem sofrido devido ao advento da internet. Ao longo deste trabalho, será ainda dado relevo às questões financeiras e organizacionais, que muito têm contribuído para a reconfiguração do meio jornalístico. Efetivamente, abordaremos, a partir da posição do estagiário, as consequências que esses movimentos trouxeram ao quotidiano da redação. Assim, este trabalho reflete não só acerca do final de um período de formação, mas também sobre as mudanças que o meio jornalístico tem sofrido nos últimos tempos e que afetam inexoravelmente o campo de atuação do jornalista.

Palavras-chave: revolução digital, crise, internet, jornalismo digital.

Abstract

This report is the result of a three-month internship at one of the main national communication *media*, which has, from the very beginning, focused not only on the information it provides but also on the quality of such information. We're talking about TSF. The basis for this report is an internship that lead to an analysis of a ever-growing concern: the future of journalism and reporters. Therefore, this paper will focus mainly on the study of the changes journalism has suffered since the advent of the internet. Both the financial and organizational aspects will take an important part on this work, due to their roles on the reconfiguration of journalism. The intern's perspective will be used to analyse these consequences on a more practical level – the newsroom's day-to-day life. All things considered, this paper is not only the end of a learning period, but also discuss the changes journalism has been through recently, which inexorably affect the reporter's field of action.

Keywords: digital revolution, crisis, internet, digital journalism.

Índice

Introdução	9
CAPÍTULO I	11
Introdução	12
1. A TSF e a informação como prioridade	13
1.1 A rádio em Portugal.....	13
1.2 As rádios piratas	14
1.3 A rádio TSF	14
1.4 As inovações da TSF	17
1.5 Emídio Rangel	19
1.6 Controlinveste.....	20
1.7 Orgânica da TSF.....	21
2. A minha experiência na TSF.....	22
2.1 Rotinas e práticas da TSF – o paradigma da manhã 2.....	23
2.2 Atividades desenvolvidas	24
2.2.1 Construção de textos de diferentes géneros.....	25
2.2.2 Edição	27
2.2.3 Locução	27
2.2.4 Saídas em reportagem.....	28
2.2.5 Outras atividades	28
3. O tema em discussão	29
CAPÍTULO II.....	31
Introdução	32
1. Nova realidade noticiosa	33
1.1 Instantaneidade	33
1.2 Acessibilidade.....	34

1.3 Multimedialidade.....	34
1.4 Hipertextualidade	35
1.5 Interatividade	36
1.6 Ubiquidade	36
2. Os <i>media</i> sociais e o <i>gatewatching</i>	38
3. Redefinição da dinâmica de consumo.....	39
4. Novos conceitos no jornalismo e na rádio	41
4.1 Jornalismo cidadão	42
4.2 A interatividade na rádio	45
CAPÍTULO III.....	47
Introdução	47
1. Questões socioeconómicas.....	50
1.1 <i>Media</i> vs Jornalistas	51
2. O caso em análise – a TSF	53
2.1 A minha <i>inside view</i>	55
3. A crise no jornalismo – que soluções?.....	56
3.1 A <i>atitude</i> da TSF	57
Considerações finais.....	58
Bibliografia	60
ANEXO I – Diário de bordo.....	64
ANEXO II – Exemplos de trabalho realizado	77
ANEXO III – Temas acompanhados	89
ANEXO IV – A TSF na imprensa	96

Introdução

O presente relatório de estágio resulta de uma reflexão após uma experiência de três meses de estágio com uma equipa informativa da rádio TSF, em Lisboa, no âmbito do plano curricular do 2.º ciclo em Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Chegado o momento de escolher a temática que iria conduzir este trabalho académico, revelou-se impossível contornar a questão dos despedimentos e dos cortes que a instituição de acolhimento em que o estágio teve lugar sofrera recentemente. Jornalismo sem jornalistas: é este o título escolhido para esta reflexão e que tenciona espelhar a realidade jornalística atual do nosso país.

A rádio TSF, que durante tantos anos se guiou pelo lema “vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo”, está agora cada vez mais circunscrita ao espaço das paredes do seu edifício na rua 3 da Matinha, em Lisboa. Isto porque os jornalistas são cada vez menos e a sua presença na redação é indispensável. E se já não têm como sair da redação não podem chegar “ao fim do mundo”.

Recorre-se aos telefones, aos contributos dos cidadãos comuns, à internet, aos meios possíveis. Há muita coisa que deixou de ser exequível mas os jornalistas da TSF continuam a lutar para que as notícias vão para o ar à hora certa. E o mesmo acontece em tantos outros órgãos de comunicação no nosso país.

Com este trabalho académico pretende-se, no **Capítulo I**, explicar um pouco da história do órgão de comunicação onde o estágio teve lugar, órgão esse que ainda hoje prima pelo destaque que dá à informação. Seguidamente, serão dadas a conhecer as aprendizagens do estágio e o quotidiano do estagiário. Por fim, haverá ainda espaço para uma breve explanação da temática central deste relatório.

De seguida, para uma melhor compreensão do tema central deste trabalho, proceder-se-á, no **Capítulo II**, à explicação de alguns conceitos teóricos inerentes ao advento da internet, primeiro relativamente ao jornalismo em geral e, num segundo momento, cingindo-nos mais particularmente ao jornalismo radiofónico.

No **Capítulo III** avançaremos para o cerne da questão e tentaremos expor as causas socioeconómicas que levaram à presente crise no jornalismo e às dificuldades que a TSF e outros meios de comunicação estão a viver no momento. Nesta fase, será também dado destaque aos problemas e complicações observados durante o período de estágio. Por fim, o trabalho culminará com a abordagem de várias questões, que têm conduzido a esta ideia de que os jornalistas podem ser redundantes e que acaba por levar a despedimentos e cortes. Ou seja, enunciaremos algumas das mudanças que o jornalismo tem vindo a sofrer devido ao fenómeno da internet e das novas tecnologias e tentaremos perceber de que forma é que esta situação pode ser contrariada.

De acordo com Fernando Correia, os conceitos base ligados ao jornalismo sofreram mudanças e os *media* – dos quais o autor salienta a imprensa – estão agora sujeitos a novas lógicas de produção: “Seria hoje extremamente redutor, naturalmente, considerar o jornal apenas como uma «publicação periódica que dá informações sobre a vida política, literária, científica, etc.», conforme a designação do consagrado dicionário Petit Larousse (edição de 1971).”¹

Propomo-nos, assim, a uma reflexão, humilde, sobre o que tem vindo a acontecer ao jornalismo ao longo dos últimos anos, tendo em consideração “os novos contextos, condicionalismos e estratégias em que a atividade de produção e edição de informação passou a inserir-se.”². Tudo isto para entender se é viável ou não continuar a fazer jornalismo cortando cada vez mais no número de profissionais da área. É

¹ F. Correia, *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*, Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2006, p.13.

² *Idem, ibidem.*

inegável que os tempos mudaram... Resta perceber como é que o jornalismo se tem vindo a adaptar e como o fará nos tempos vindouros.

CAPÍTULO I

Apresentação do estágio

Introdução

Há certas frases e *slogans* que fazem parte da história da TSF e que só por si já nos mostram muito da sua essência e da sua história. Primeiramente, o já clássico “Tudo o que se passa, passa na TSF”. Logo aqui temos já explícito que a grande prioridade desta estação de rádio é a informação.

E mais: “Por uma boa história, por uma boa notícia, vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo” mostra-nos que este é um órgão de comunicação que se esforça para chegar às fontes e para ir ao encontro das notícias, exatamente como ditam as regras do bom jornalismo.

Mas a verdade é que, deixando de parte as frases já tão bem conhecidas e exploradas, é importante perceber a história que conduziu a TSF ao título de rádio informativa por excelência em Portugal.

Acreditamos que, para um melhor entendimento da experiência enquanto estagiário neste órgão de comunicação nacional, será importante perceber, numa primeira fase, a sua história. Aproveitaremos então este capítulo para tratar um pouco da história da rádio e do jornalismo radiofónico, partindo depois para as datas mais marcantes da TSF e do seu crescimento enquanto órgão de comunicação nacional.

Numa fase posterior, abordaremos o estágio em si, desde a dinâmica particular da TSF até ao dia-a-dia e tarefas realizadas pelos estagiários. Daqui partiremos para uma breve explanação daquele que será o tema fulcral deste trabalho académico.

1. A TSF e a informação como prioridade

1.1 A rádio em Portugal

As primeiras experiências realizadas por Marconi, em 1894, levaram à criação gradual de rádios amadoras um pouco por todo o mundo. Desta forma, logo em 1923 é constituída a Sociedade Portuguesa de Amadores de Telefonia sem Fio.

Rádios de renome dos dias de hoje tais como a Antena 1 – na altura Emissora Nacional de Radiodifusão – e a Renascença têm o seu início nos anos '30. Paula Cordeiro explica-nos como foram estes primeiros tempos: “Os chamados anos de ouro da rádio, que oscilam entre 1930 e 1950, traduziram-se num fenómeno de radiodifusão que procurava reconstruir a realidade dentro do estúdio, com dramatizações e espetáculos produzidos na própria estação emissora.”³

Nesta fase são muitas as críticas feitas ao regime político em vigor que recorrem a manobras linguísticas e a piadas disfarçadas para ultrapassar a censura prévia. No entanto, a rádio não era mais que “um aparelho técnico e discursivo ao serviço dos interesses de poder, e um instrumento para a legitimação da ditadura”⁴ cujo principal objetivo era o entretenimento.

Com o aparecimento da televisão nos anos '50, a rádio foi obrigada a reinventar-se, passando a apostar em conteúdos mais modernos e procurando inovar no discurso. Já nos anos '60, a cultura começa a ter um papel de maior destaque e as críticas ao governo tornam-se mais acutilantes. A informação começa finalmente a ter o seu próprio tempo de antena.

Assim, a revolução de '74 e o fim do poder do lápis azul permitem que as rádios sejam finalmente nacionalizadas. Dois anos depois, a emissora nacional passa a

³ P. CORDEIRO, *A rádio em Portugal: Um pouco de história e perspectivas de evolução*, 2003, p.2.

⁴ *Idem, ibidem.*

designar-se Rádio Difusão Portuguesa (RDP). Segundo Paula Cordeiro, o 25 de abril abriu ainda portas a um outro fenómeno: as rádios piratas.

1.2 As rádios piratas

Dois pontos foram fulcrais para o surgimento das rádios piratas ou rádios livres. Uma das principais razões, como nos explica Paula Cordeiro, foi a falta de legislação sobre radiodifusão após o 25 de abril de 1974. Contudo, a impossibilidade das entidades privadas começarem as suas próprias emissoras também foi uma condicionante de peso.

Surgem então inúmeras rádios clandestinas. “Estas rádios inovaram e experimentaram novos formatos, preenchendo espaços de criatividade que tinham sido deixados em aberto pelas rádios nacionais”⁵, elucida Paula Cordeiro. Sem preocupações nem obrigações para com os ouvintes, as rádios piratas não possuíam programação definida.

Relativamente à informação – que recentemente tinha ganho relevo no panorama radiofónico – as rádios livres distinguiram-se por darem primazia às notícias locais, divulgando notícias aos ouvintes da zona.

Todavia, em dezembro de 1988, a primeira condicionante que havia permitido o fenómeno das rádios piratas deixou de existir. Foi criada legislação sobre a radiodifusão e as rádios ilegais deixaram de ter espaço na antena. Ainda assim, algumas aproveitaram este processo para se legalizar e voltaram em força. A TSF é um desses casos de sucesso.

1.3 A rádio TSF

⁵ P. CORDEIRO, *A rádio em Portugal: Um pouco de história e perspetivas de evolução*, 2003, p. 3.

Para traçar um pouco a história da TSF, basear-nos-emos no livro de estilo redigido por João Paulo Meneses⁶. A TSF – Rádio Jornal surge em março de 1981, aproveitando o programa eleitoral do novo governo que pretendia reprivatizar a rádio. O nome escolhido deriva da forma tradicional como se designava a rádio – Telefonia Sem Fios.

Inicialmente, a estação de rádio teve como sócios fundadores a Cooperativa TSF, um grupo de O Jornal e a FNAC – Fábrica Nacional de Ar Condicionado. Adelino Gomes, Albertino Nunes, António Jorge Branco, António Rego, Armando Pires, David Borges, Duarte Soares, Emídio Rangel, Fernando Alves, Jaime Fernandes, Joaquim Furtado, João Canedo, José Videira, Mário Pereira e Teresa Moutinho são as figuras que avançam com o projeto.

Em junho de '84, a TSF consegue a primeira emissão pirata. Foram quatro horas de mensagens de apoio às rádios livres onde se pôde ouvir o Presidente da República, Ramalho Eanes. A quantidade de tempo no ar deveu-se ao facto das autoridades apenas terem encontrado um dos dois transmissores em utilização.

Mais tarde, em maio de 1987, tem início o primeiro curso de formação coordenado por Adelino Gomes. Contudo, é só em fevereiro de '88 que vai para o ar o primeiro noticiário da TSF, com Francisco Sena Santos a falar-nos de “Paz no fisco durante três meses” logo às 7h da manhã. Ainda assim, a rádio continuava a funcionar em modo pirata e apenas em Lisboa. Podia ser ouvida em 102.7 FM sob a direção de Emídio Rangel.

Em julho do mesmo ano começam a existir alguns problemas dentro da cooperativa. Emídio Rangel - presidente na altura – e mais alguns dos fundadores distanciam-se de Albertino Antunes e Teresa Moutinho o que leva a uma disputa judicial.

⁶ J. P. MENESES, *Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo*, 2003

No entanto, é ainda em '88 que a TSF tem o seu primeiro grande momento. A 25 de agosto a zona do Chiado, em Lisboa, arde e, ao fazer a cobertura jornalística, a estação de rádio ganha o primeiro de muitos prémios que o Clube de Jornalistas lhe viria a atribuir.

Em setembro do mesmo ano, acabam as emissões piratas e abre-se concurso para atribuição de alvarás. Apesar de ter concorrido a mais algumas, a TSF só consegue Lisboa e Coimbra. Dois meses depois, organiza uma espécie de cadeia nacional em conjunto com outras estações para pressionar o governo.

É em março de 1989 que a TSF volta a emitir em Lisboa, desta vez já em 89.5 FM. Meses depois e através de uma série de acordos, começa também a ser ouvida no Porto e em parte do Algarve. Entretanto o Governo ameaça a cadeia nacional – já com 21 rádios – liderada pela TSF o que leva a uma contestação por parte da visada.

Com a Guerra do Golfo, em 1990, a TSF volta a destacar-se. Desta vez, é dos primeiros órgãos de comunicação social em todo o mundo a entrar no Kuwait libertado.

Depois de ter ido conquistando gradualmente mais território de antena, Emídio Rangel abandona a TSF para presidir à SIC (1992) e é substituído por David Borges. Em março de 1993 a empresa Lusomundo cria uma nova sociedade para gestão do património da TSF – Rádio Jornal e a cooperativa rejeita uma proposta de compra de Pinto Balsemão. Também em '93 a Projornal e a FNAC vendem as suas ações ao empresário Gonçalves Pereira/Interpress.

Já em junho de 1994, a estação de rádio experiencia o seu primeiro período difícil que leva ao despedimento de 20 profissionais. Dois meses depois, a Lusomundo já garante a maioria da capital após a venda das últimas ações individuais dos cooperantes. A cooperativa fica assim a possuir apenas 22 por cento do capital total. Em '95, a direção passa a Carlos Andrade.

Depois de algumas experiências irregulares, ainda em 1995, o Fórum TSF passa a ser um espaço diário e fixo da antena. Todos os dias são lançados tópicos de discussão com assuntos na ordem do dia e é permitido aos ouvintes participar e intervir na conversa.

Mais tarde, em setembro de 1999, a TSF inicia uma emissão especial durante dez dias a propósito da violência em Timor. A estação foi premiada com a medalha dos Direitos Humanos da Assembleia da República.

No ano seguinte, a TSF liderava como uma das empresas mais rentáveis de Portugal. Ainda no mesmo ano, a Portugal Telecom adquire a totalidade das ações da Lusomundo.

Em 2003, é distribuído juntamente com o Jornal de Notícias o livro “Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo” por João Paulo Meneses. Na mesma altura, José Fragoso substitui Carlos Andrade na direção.

Já mais tarde, em fevereiro de 2014, a Controlinveste – grupo de *media* em que se insere a TSF - passa a ser ter novos acionistas. Em junho do mesmo ano tem lugar um despedimento coletivo e a TSF é um dos órgãos de comunicação afetados.

1.4 As inovações da TSF

Há 20 anos Emídio Rangel, um dos fundadores da TSF, inaugurava a emissão, um minuto antes das sete da manhã, com uma de declaração de intenções sobre o que ia ser a nova rádio que queria romper com o modelo instituído, de rádio e de jornalismo, em Portugal. Depois o arranque das notícias era dado por Francisco Sena Santos: Paz no fisco durante três meses". Nascia a primeira rádio dedicada 24 horas por dia, sete dias por semana, à informação.⁷

⁷A. Machado, “TSF: Um projeto que quer continuar a ir “ao fim da rua e ao fim do mundo””, 29 de fevereiro de 2008, *in* URL: «<http://www.publico.pt/media/noticia/tsf-um-projecto-que-quer-continuar-a-ir-ao-fim-da-rua-e-ao-fim-do-mundo-1321163>».

Aquando da primeira emissão da TSF, os jornalistas que a constituíam tinham já bem definidos os objetivos pelos quais se iriam reger. Como A. Machado afirma, esta nova rádio queria destacar-se das restantes, tendo sempre como prioridade a informação. Vinte e sete anos passaram já desde o início da TSF. E a verdade é que, há quase três décadas atrás, o panorama nacional era naturalmente diferente e a rádio também.

Nos dias que correm, o público já sabe de cor qual é a rádio que dá primazia à informação. Enquanto na maioria das estações de rádio, o espaço das notícias vai variando – umas vezes mais cedo, outras vezes mais tarde – já que o importante é não interromper a música que tanto cativa o ouvinte, na TSF as notícias dão sempre à hora certa. De 30 em 30 minutos, a TSF oferece um bloco noticioso. E foi graças às suas prioridades bem definidas que esta rádio se distinguiu das outras.

A TSF foi a primeira rádio em Portugal a perceber os sinais: segmentou-se no produto que oferece e no auditório a que se dirige.⁸

Já em 1988 era assim. A TSF soube diferenciar-se nos seus conteúdos, dirigindo-se a um novo tipo de público – aquele que procurava informação. Se alguns jornalistas se guiavam pelos modelos de sempre, outros quiseram mudar o panorama da informação radiofónica em Portugal. E assim formaram uma cooperativa de jornalistas que deu origem a uma nova rádio – a TSF – Rádio Jornal.

Até à criação deste órgão de comunicação que tentava fugir ao conformismo, as notícias não diferiam muito de manchete para manchete. Em “Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo”, Carlos Andrade “recorda o que era a regra: o partido

⁸ J.P. MENESES, *Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo*, 2003, p. 5.

«A» dava uma conferência de imprensa às 10 da manhã, de que tínhamos notícia ilustrada com som nos «jornais» radiofónicos da hora do almoço, acrescida de imagem nos «telejornais», ao jantar, e citações com aspas nos matutinos do pequeno-almoço.»⁹.

Começava o tempo do imediatismo e da pluralidade de notícias. Os jornalistas começam a procurar a informação e o público ganha acesso a conteúdos diferentes da parte de cada meio de comunicação. Segundo Carlos Andrade, “com o aparecimento da TSF, se o partido «A» anunciava uma conferência de imprensa para as 10 da manhã, dirigentes do partido eram contactados de véspera ou manhã bem cedo, para anteciparem a mensagem, não faltando casos em que eram esperados à saída de casa”.¹⁰

Começava a era do “Por uma boa história, por uma boa notícia, vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo”.

1.5 Emídio Rangel

Não podemos falar da rádio TSF sem falar do seu maior fundador. Emídio Arnaldo de Freitas Rangel nasceu a 21 de setembro de 1947, em Angola. Com apenas 18 anos iniciou a sua carreira profissional, primeiro como locutor da Rádio Club da Huíla e depois na Rádio Comercial de Angola onde se destacou com o programa “Nocturno”.

Em 1975, ingressa na Universidade de Lisboa onde se licencia em História, prosseguindo depois estudos em Direito e em Comunicação Social. A par da vida académica já fazia parte, em 1976, da Radiodifusão Portuguesa onde viria a ser subchefe de redação nos anos ’80.

⁹ *Ibem, ibidem.*

¹⁰ MENESES, João Paulo (2003). *Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo*, p. 5.

Funda a TSF – Rádio Jornal em 1988 onde, durante vários anos, desempenha as funções de presidente do Conselho de Administração. Simultaneamente, exerceu os cargos de diretor da revista *Grande Reportagem* e da *Rádio Energia*. Ainda nos anos '80, foi responsável pelo programa *Concordo... ou talvez não*, na RTP1.

Em 1992 abandona a TSF para se tornar Diretor de Informação da SIC. Foi também Diretor de Programas, onde acompanhou o lançamento de diversos canais temáticos, e ainda gestor da SIC Filmes.

Ocupa o cargo de Diretor-Geral da RTP a partir de 2001. Dois anos depois, regressa à TSF para ajudar na sua reestruturação. Durante este período, tinha uma coluna semanal no *Correio da Manhã* e participava no debate *Direto ao Assunto* da RTPN.

Os seus últimos anos foram dedicados a alguns projetos que, sobretudo por questões financeiras, acabaram por não avançar. Em 2008, associou-se ao projeto de um novo canal de televisão de sinal aberto – a *Telecinco*. Já em 2010, esteve na corrida para a compra da estação Europa-Lisboa, tendo como objetivo sinal a criação de uma nova rádio informativa. Tentou ainda criar um novo grupo de media juntamente com o antigo administrador da PT, Rui Pedro Soares.

Faleceu a 13 de agosto de 2014, com 66 anos. Em setembro do mesmo ano, a TSF anunciou um prémio em sua homenagem, que pretende distinguir trabalhos feitos pelas rádios locais, universidades e lusofonia.

1.6 Controlinveste

A TSF está integrada no grupo Controlinveste. A empresa tem origem na Olivedesportos, fundada por Joaquim Oliveira em 1984. Dez anos depois adquiriu o seu primeiro título de imprensa – o jornal desportivo *O Jogo*.

Em '98, a Controlinveste, em associação com a RTP e a PT Multimedia, lança a SportTV. Já em 2001 cria, em parceria com a Portugal Telecom, a Sportinveste Multimedia.

A Lusomundo Serviços passa a integrar o grupo em 2005, passando a reunir uma das mais completas e diversificadas ofertas na área dos *media* em Portugal. Em 2007, lança um jornal gratuito intitulado *Global Notícias*.

2008 pauta-se pelos aniversários. A TSF celebra 20 anos e o Jornal de Notícias 120, sendo que cada um destes órgãos lança um novo site *online*. A SportTV comemora 10 anos e festeja com os novos canais SportTV 3 e SportTV HD. A Controlinveste aproveita ainda para lançar um portal de viagens *low cost*, o *Global Viagens*.

Em dezembro de 2014, a Controlinveste passa a designar-se Global Media Group. A mudança acionista do grupo trouxe um processo de reestruturação da empresa que passou pela racionalização de custos, pelo despedimento coletivo de 140 trabalhadores e por alterações na direção dos títulos.

1.7 Orgânica da TSF

Há muitos programas da TSF que são bem conhecidos de todos, programas esses que se destinam a diferentes tipos de público e que possuem conteúdos muito díspares entre si. Em comum têm, acima de tudo, o seu caráter informativo.

Falamos de programação como o Fórum TSF – onde são discutidos os temas da atualidade e onde os ouvintes são convidados a intervir -, o TSF Bikes e Runners – com espaço para desportos que costumam ter menos direito de antena -, ou o Notas de Autor – dedicado à cultura. E há ainda um sem fim de outros programas que têm em vista públicos mais concretos tais como o TSF à Mesa ou o Pais e Filhos, programa este da autoria da jornalista Rita Costa, orientadora do estágio que deu origem a este trabalho.

Contudo, discutiremos agora a informação mais generalista. A rádio TSF, em termos informativos, tem uma dinâmica muito particular. Há quatro equipas responsáveis pela informação e pelos blocos noticiosos: a manhã 1, a manhã 2, a tarde e a noite. Cada uma destas equipas cobre um período de cerca de seis horas, ainda que esteja na redação bastante mais tempo.

As equipas são constituídas, necessariamente, por um editor, um editor de “meias-horas” e um produtor. Os dois primeiros são responsáveis pelos noticiários das horas certas e das “meias-horas”, respetivamente. O produtor garante que tudo corre bem durante estes períodos.

Existem ainda diversos jornalistas a integrar as equipas e cuja maior função é a criação dos conteúdos que irão depois integrar os blocos noticiosos. E estes jornalistas caracterizam-se especialmente pela sua enorme capacidade de adaptação. Tanto fazem peças na redação com recurso ao telefone, como se deslocam à rua para assistir a eventos e daí produzir notícias. Os assuntos que noticiam passam pelas mais diversas áreas, logo têm de estar sempre preparados para entrevistar os mais diversos tipos de pessoas.

Há ainda ajudas e reforços por parte de jornalistas especializados em determinadas áreas – como a política ou o desporto – ou que estão localizados em pontos-chave do país – no caso Porto e Algarve – e que se podem deslocar a outras zonas quando necessário.

São estas equipas que permitem que a TSF seja a rádio número 1 a nível de informação. De hora a hora, há um bloco noticioso de cerca de 10 minutos que é antecedido por uma breve chamada aos temas que serão tratados de seguida. As meias horas trazem um noticiário mais pequeno mas que contém o que de relevante está a acontecer a nível nacional e internacional.

2. A minha experiência na TSF

O estágio curricular teve início oficial a 16 de setembro de 2014, tendo havido uma breve apresentação na véspera com todos os estagiários que iriam integrar as diferentes equipas. Foi-nos dada a hipótese de escolher entre a equipa da manhã 2, a da tarde e a da noite. Optei pela primeira por saber que esta teria, possivelmente, um ambiente mais acelerado e pautado pela constante mudança. Desta forma, poderia

compreender melhor o imediatismo de uma redação e seria obrigada a lidar com o seu funcionamento em “horas de ponta”.

Neste primeiro dia de apresentação foram-nos mostradas as diferentes secções da TSF e as pessoas com quem teríamos de lidar, nomeadamente os editores. De seguida, foi-nos explicada a nossa posição na redação, nomeadamente o facto de que nenhum dos conteúdos produzidos por parte dos estagiários iria para o ar. O estágio iria consistir antes num processo de observação do trabalho dentro e fora da redação e ainda pela construção de breves, peças, noticiários e afins em paralelo com o trabalho dos jornalistas, que seriam depois vistos e corrigidos pelos orientadores designados pela TSF.

2.1 Rotinas e práticas da TSF – o paradigma da manhã 2

A equipa com a qual trabalhei diretamente foi a manhã 2. Esta, à semelhança das outras equipas, era constituída por uma editora, uma editora de “meias-horas”, uma produtora (sendo este cargo rotativo) e mais quatro jornalistas. A minha integração neste horário aconteceu num período de mudanças – a equipa como eu a conheci tinha acabado de ser formada.

A redação da TSF – o espaço onde se fazem as notícias – é composta por um estúdio principal onde se fazem os noticiários e demais programação, por alguns estúdios mais pequenos destinados apenas à gravação de peças e afins, e ainda por uma grande sala onde se encontram os jornalistas a trabalhar. No centro desse último espaço, rodeados de imensas secretárias e computadores, encontra-se “a ilha”. É aqui que a equipa da manhã 2 – ou qualquer outra equipa no seu respetivo horário de trabalho – constrói os seus blocos noticiosos, a partir dum conjunto de mesas interligado, facilitando assim a comunicação e a troca de informações entre os jornalistas.

A equipa entra ao serviço por volta das 8h30, devendo usar a primeira meia-hora do dia para se atualizar quanto às notícias, estudando para isso os jornais diários ou lendo os *takes* das várias agências informativas.

Às 9h acontece uma reunião com toda a equipa. Aqui, orientados pela editora, são discutidos os temas do dia e distribuem-se os diferentes acontecimentos pelos jornalistas, decidindo-se logo se algum deverá sair em reportagem. Neste espaço, há ainda tempo para, caso necessário, estabelecer algumas reportagens a desenvolver mais tarde ou até acompanhar o desenvolvimento de outras já começadas.

No final da reunião e do noticiário das 10h, a manhã 2 toma o lugar da manhã 1 na “ilha”, começando logo a preparar o bloco noticioso da hora seguinte. Os jornalistas estabelecem contactos, fazem telefonemas, realizam entrevistas, cortam sons e montam peças. Contudo, o esforço maior é sempre dedicado ao noticiário do 12h – aquele que é o noticiário mais importante da equipa da manhã 2.

Entre as 11h e as 15h30, os jornalistas mantêm-se atualizados – mais uma vez através dos *takes* mas recorrendo também a outros órgãos de comunicação, tais como as televisões, que estão sempre nos canais informativos, – de forma a poderem divulgar sempre as últimas notícias ao ouvinte.

Mais uma vez, parece-nos relevante destacar o carácter polivalente dos jornalistas da manhã 2 e das restantes equipas. Ainda que cada um tenha uma secção em que se sente mais à vontade, os profissionais têm de estar preparados para falar sobre qualquer assunto, a qualquer momento. No espaço de uma hora, têm muitas vezes de gravar sons e fazer entrevistas, escolher aquilo que é de maior relevância para o público e montar uma peça bem construída. E aqui temos bem patente o imediatismo da rádio. Como explicam Chardon e Samain, “antes de ser uma profissão intelectual, o jornalismo de rádio é uma vocação onde o pragmatismo, a rapidez de espírito e de ação e intuição são as qualidades primordiais”.¹¹

2.2 Atividades desenvolvidas

¹¹ J. CHARDON O. SAMAIN, *Le journalist de radio*, 1995, p.9.

Muito se pode aprender em três meses de estágio, principalmente se estes tiverem lugar em órgãos de comunicação como a TSF. Antes de mais, será importante relembrar que esta rádio se distingue pela forma como encara o estagiário. Para a TSF, este não é apenas mão-de-obra gratuita mas sim alguém que está ali para aprender o ofício. Com isto em mente, os jornalistas, editores e técnicos tiram diariamente um pouco do seu tempo para ensinar e explicar ao estagiário como funciona uma redação.

No início da minha experiência enquanto estagiária passei, naturalmente, por um período de adaptação. Ainda que desde cedo me fossem dadas pequenas tarefas, revelou-se necessário, antes de mais, entender a dinâmica de trabalho da redação e as subtilezas de cada horário. Entre as 11h e as 12h, por exemplo, estava fora de questão qualquer tipo de contacto com as jornalistas, uma vez que estas estavam a preparar o bloco noticioso mais importante do dia.

Uma vez reconhecido este constrangimento, tornou-se mais fácil enquanto estagiária saber quando interromper o trabalho dos jornalistas. As profissionais que integravam a equipa – mas sobretudo a minha orientadora – desafiavam-me a criar diferentes conteúdos todos os dias, em paralelo com o que elas iam fazendo para os noticiários. E aqui foi encontrada uma das primeiras dificuldades, a mudança de uma escrita de imprensa para um estilo mais radiofónico. Mas, sobretudo, a mudança para o estilo da TSF. Como qualquer órgão de comunicação, há certas peculiaridades que só podem ser aprendidas trabalhando diretamente na casa em questão.

2.2.1 Construção de textos de diferentes géneros

Ao estagiar num órgão de comunicação como a TSF, o trabalho escrito é de muita importância e requer, numa fase inicial, alguma correção e adaptação até que se perceba como se pode ou não escrever em rádio. As notícias devem sempre ser construídas tendo em atenção que serão apenas ouvidas, sem qualquer tipo de suporte visual. Torna-se importante usar uma linguagem acessível a todos os cidadãos e não

recorrer a palavras ou expressões que possam causar ruído ao ouvinte. Este aspeto foi, sem dúvida, algo transversal a todas as atividades ligadas à redação de conteúdos.

Uma das primeiras tarefas lançadas consistia na construção de breves. A partir de notícias de outros órgãos ou de *takes* das agências, construam-se pequenos textos noticiosos sem recorrer a qualquer tipo de sons, fossem estes de ambiente ou de entrevistas. Nos dias seguintes, ao dominar esta técnica, avançou-se para a construção de breves com base em estudos, obrigando assim a uma rápida análise de gráficos e de dados estatísticos, a uma célere seleção dos dados importantes e ainda a uma transformação do vocabulário utilizado de forma a torná-lo compreensível para todos os ouvintes.

O passo seguinte foi o desenvolvimento de peças. Aqui, importava já selecionar e editar sons para depois construir um texto que os suportasse. Geralmente, este processo acontecia com recurso a sons que um jornalista da TSF recolhia quando saía à rua em reportagem e que depois cedia para treino do estagiário ou, mais raramente, com sons encontrados na internet ou disponibilizados pela Agência Lusa. O desafio nesta fase consistia em equilibrar a informação transmitida pelos sons e a informação dita no texto, para que estes se complementassem em vez de se repetirem.

Eventualmente, avançou-se para a construção de noticiários de meia hora, ou seja, era necessário redigir não apenas algumas breves, mas também decidir o seu alinhamento e preparar ainda a chamada inicial para as notícias. O passo seguinte foram os blocos noticiosos da hora certa. Estes eram já constituídos tanto por breves como por peças. Assim, conjugavam-se as técnicas de edição de sons com as de escrita destes dois géneros, acrescentando ainda outras questões como os lançamentos e os rodapés. Num desafio posterior, os noticiários começaram a ter tempo limite para serem preparados. À semelhança do que acontecia na redação, era esperado que, no prazo de uma hora, o bloco noticioso estivesse pronto.

Face a acontecimentos menos comuns, como foi o caso do falecimento do meteorologista Anthímio de Azevedo ou a atribuição do Nobel da Paz, puderam também ser realizados outros tipos de trabalhos, tais como os perfis. Tendo em conta que este género (em termos de rádio) nunca tinha sido explorado na universidade foi

necessário entender como contar a vida de alguém tendo em conta os constrangimentos de tempo inerentes a este meio de comunicação social.

Finalmente, e apesar de na equipa da manhã 2 da TSF não existir muito espaço para grandes reportagens, foi também lançado o desafio de tentar fazer algo mais criativo através de reportagens, havendo mais liberdade para brincar com os sons e com o texto.

2.2.2 Edição

A TSF possui uma equipa de técnicos de som destacados para editar e cortar os conteúdos que vão para o ar. Contudo, peças, noticiários e reportagens exigiram que soubesse trabalhar com programas de edição e corte de som. Depois de, em trabalhos académicos, ter utilizado os programas Adobe Audition e Audacity, na redação da TSF foi necessário aprender a trabalhar com o *TeamNews*, programa esse com funcionalidades mais básicas uma vez que todos os sons passam depois por essa equipa de técnicos a fim de serem aprimorados.

Neste processo, fui muitas vezes convidada pelos técnicos para assistir ao tratamento e corte dos sons, de forma a alargar os meus conhecimentos no campo da edição. Tive ainda a oportunidade de aprender a cortar sons diretamente no gravador. Esta é uma prática muitas vezes utilizada pelos jornalistas da TSF quando saem em reportagem, de forma a enviar os sons mais importantes para a redação.

2.2.3 Locução

Após a edição e a construção do texto noticioso, era necessário gravar as peças, noticiários, reportagens e demais conteúdos. Numa fase inicial, as gravações de voz eram acompanhadas pela minha orientadora, para que pudesse imediatamente repetir determinada frase com uma entoação ou um ritmo diferentes. Posteriormente, a gravação passou a ser feita apenas com o técnico, para mais tarde ser avaliada.

Os técnicos foram, definitivamente, de extrema importância neste processo, chamando-me, por exemplo, para ouvir outros jornalistas a gravar e sugerindo também algumas melhorias ou mesmo exercícios para realizar em casa.

Ainda assim, foi nesta etapa que foi preciso batalhar mais. Tendo dominado rapidamente os aspetos relativos à escrita e aos sons, foi-me permitido que dedicasse grande parte do meu tempo livre ao melhoramento da minha “voz de rádio”, podendo mesmo ocupar um pequeno estúdio para experiências que eram depois ouvidas e avaliadas pela minha orientadora.

2.2.4 Saídas em reportagem

Além de todas as tarefas e desafios, um dos pontos mais marcantes do estágio foi sem dúvida o facto de ter sido possível acompanhar os jornalistas quando saíam à rua em reportagem. Aqui, foi possível ver a forma célere como estes têm de preparar entrevistas, recolher sons, cortá-los, escrever um texto coerente e gravá-lo para mandar para a redação em tempo recorde.

Para além disso, permitiu também aprender um pouco mais sobre como funcionam os jornalistas em determinado ambiente e como se adaptam a diferentes tipos de eventos, sejam conferências de imprensa sobre projetos em construção – nomeadamente o túnel do Marão -, entrevistas a novas personalidades – como foi o caso de Afonso Reis Cabral, vencedor do Prémio LeYa -, ou simples reportagens de rua – das quais saliento a cobertura jornalística do Dia das Bruxas na Avenida Almirante Reis -, entre tantos outros.

2.2.5 Outras atividades

Para além das tarefas que foram sujeitas diariamente a uma avaliação, foi também possível participar de forma mais direta nos conteúdos informativos da TSF. Por vezes, foi-me pedido que realizasse algumas tarefas tais como encontrar contactos,

cortar sons ou pesquisar informação. Tive ainda oportunidade de participar na tradução de uma entrevista para posterior dobragem ou de comunicar informações à redação por telefone – enquanto a minha orientadora realizava entrevistas - para uso direto nos noticiários.

Ao longo do período de estágio foi elaborado, por sugestão do orientador da faculdade, um “diário de bordo” onde foram registadas com detalhe as tarefas executadas e os pontos marcantes de cada dia. O diário encontra-se em versão integral no Anexo I deste relatório. Este registo diário veio a provar-se uma ferramenta valiosa não só na construção deste relatório final mas também durante o estágio, uma vez que permitiu manter uma boa noção da evolução do trabalho realizado. Podem também ser encontrados, no Anexo II, alguns exemplos dos conteúdos produzidos durante o período de estágio.

3. O tema em discussão

Ainda que os 3 meses de estágio tenham sido de grande aprendizagem, cedo foi perceptível que a redação da TSF, devido aos cortes e ao despedimento coletivo, já não tem a disponibilidade habitual para a formação e que, apesar do grande esforço feito sobretudo pela minha orientadora, é agora mais difícil ter tempo para ensinar os estagiários. Por esta razão, tanto quanto nos foi dito, a rádio TSF em Lisboa decidiu não aceitar estagiários nos próximos tempos.

A verdade é que a prioridade da TSF é e sempre foi a informação. E, como tal, está sempre patente o esforço para que as notícias sejam divulgadas à hora certa. A diferença que se tem notado ao longo dos últimos anos é que, muitas vezes, estão três ou quatro jornalistas a fazer um trabalho que habitualmente era assegurado por oito. E isso dificulta imenso a tarefa àqueles que ainda têm emprego e que querem continuar

a mostrar um trabalho com a qualidade a que os ouvintes estão habituados. Neste contexto, sobra pouco tempo para ensinar e formar a geração futura.

Entendemos assim que nos devemos concentrar nas dificuldades pelas quais os jornalistas passam nos dias que correm para fazer o seu trabalho. A entrada enquanto estagiária na TSF foi posterior ao despedimento coletivo de junho de 2014 e essa mudança foi algo bastante nítido no ambiente da casa.

Não será demasiado recordar o paradoxo notado por Dominique Wolton acerca da atual crise do jornalismo. É após conseguir ultrapassar três dos seus maiores constrangimentos de há cerca de cem anos atrás – a saber, a debilidade económica, a sujeição aos condicionalismos políticos e as dificuldades tecnológicas – que o jornalismo enfrenta uma das suas maiores crises..¹²

O jornalismo atravessa atualmente uma crise e a rádio TSF não é exceção. Como Carlos Camponez nos explica, a profissão é afetada por pressões políticas, por questões financeiras e ainda pelos avanços das novas tecnologias. Neste relatório iremos dar destaque às duas últimas. Estamos numa fase de adaptação. E é esse o ponto crucial que iremos discutir ao longo deste trabalho tendo sempre como base o estágio curricular realizado.

¹² C. CAMPONEZ, *A crise do jornalismo face aos novos desafios da comunicação pública*, Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividades e Ação, Atelier: Comunicação, 2012, p. 9.

CAPÍTULO II

Discussão teórica

Introdução

As novas tecnologias vieram alterar de forma irreversível o mundo das notícias. O conceito de jornalismo tem sofrido alterações devido a fenómenos como a aceleração da velocidade a que as informações são divulgadas ou a existência de novas ferramentas como o hipertexto. Tornou-se imprescindível ao jornalismo conformar-se com a nova realidade.

Hoje, os *media* são empresas que integram grandes grupos económicos nacionais e mundiais, ao ponto de as ameaças ao jornalismo resultarem mais das lógicas empresariais do que da repressão política. (...) Finalmente, por via das novas tecnologias, o jornalismo consegue facilmente chegar até «onde está o acontecimento». No entanto, se as tecnologias facilitaram as comunicações, elas tornaram, pela sua instantaneidade, mais difícil e complexa a função informar.¹³

Assim, naturalmente, o panorama introduzido pela web reflete-se não só no discurso jornalístico mas também na disposição do seu conteúdo. “A notícia ganha diferentes configurações nos veículos *online* não só pela multiplicidade de recursos

¹³ C. CAMPONEZ, *A crise do jornalismo face aos novos desafios da comunicação pública*, Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividades e Ação, Atelier: Comunicação, 2012, p. 9.

disponíveis, como pelo modo de construção do texto”, como nos explicam Rosane Amadori e Márcia Gomes Marques¹⁴.

Desta forma, devemos refletir sobre as consequências que o advento da internet trouxe ao jornalismo. Mais do que isso, no contexto deste trabalho acadêmico, importa entender de que forma os novos meios tecnológicos afetaram o jornalismo radiofônico.

1. Nova realidade noticiosa

1.1 Instantaneidade

A informação pode ser considerada uma mercadoria e, como sabemos, o desejo de querer ser o primeiro a ter algo faz parte das características essenciais da humanidade. E isto aplica-se, obviamente, às notícias. Assim, é importante para qualquer *medium* ser o primeiro a oferecer ao público determinada informação.

Notemos também que a notícia tem um caráter extremamente perecível. Uma novidade é-o apenas até que chegue uma nova. Assim, as notícias estão constantemente a ser substituídas e há uma necessidade constante de procurar informações novas, de consultar fontes, de saber mais para poder dar ao público a notícia que ainda ninguém divulgou.

Esta caráter de instantaneidade amplificou-se com o surgimento da internet e das novas tecnologias. É agora possível aos ouvintes, leitores e telespetadores estarem constantemente atualizados em vez de esperarem pela hora dos blocos noticiosos.

E esta rapidez de circulação de informação exigiu uma adaptação por parte dos *media*, trazendo mudanças significativas, por exemplo, é hoje possível a um indivíduo receber alertas no telemóvel assim que é divulgada uma notícia dentro das suas áreas de interesse.

¹⁴ R. AMADORI & M. MARQUES, *A instantaneidade e a construção da notícia no jornalismo online*, XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste/ Comunicação Multimídia, Brasil, 2009, p. 2.

Contudo, quando os factos são transmitidos com esta urgência, alguns princípios fundamentais do jornalismo acabam por ser descurados, nomeadamente a verificação da informação. Como nos explica o investigador português Helder Bastos, "Dar primeiro e confirmar depois tornou-se, nos piores casos, um postulado pernicioso em voga"¹⁵. Somos a geração da informação em direto.

1.2 Acessibilidade

Passemos à questão da acessibilidade. Aqui é importante perceber até que ponto os órgãos noticiosos com vertente *online* se preocupam em explorar todas as novas tecnologias e em preparar os seus produtos informativos de modo a que estes possam ser acedidos pelo maior número de pessoas possível.

Assim, os *media* devem ter como objetivo um serviço capaz de informar todos os públicos independentemente das suas limitações e disponível a qualquer altura e em qualquer lugar, inclusivamente por dispositivos de baixo custo e conexões de baixa velocidade. A informação deve ser inteligível a todos, de fácil compreensão e clara, e deve ter em conta que o leitor pode não saber nada sobre o assunto em questão.

É ainda importante ter em conta que, devido à evolução da tecnologia, é agora possível aceder a um mesmo conteúdo em inúmeras plataformas – sejam essas computadores, telemóveis, *tablets*, entre outros. Os *media* têm de ter então em conta pormenores como a velocidade de conexão à internet, o tamanho do ecrã, o facto de o equipamento poder ser *touch*, entre outros, de forma a adaptar os seus conteúdos e criar diferentes *layouts* adequados a qualquer dispositivo.

1.3 Multimedialidade

¹⁵ H. BASTOS, *Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal: Os Primeiros Quinze Anos (1995-2010)*, Porto: Edições Afrontamento, 2010, p. 9.

A multimedialidade é entendida como o processamento e difusão de mensagens compostas por códigos variados – sejam estes textuais, visuais ou sonoros - mas dotadas de uma unidade comunicativa. Quando os computadores pessoais deixaram de ser apenas processadores e tiveram direito a um monitor com várias cores e colunas de som, a mistura de meios tornou-se possível. No jornalismo *online*, a multimedialidade pode atualmente ser encontrada em várias peças. Vídeo, imagem, som, texto, gráficos, ilustrações e *links* são alguns dos exemplos das várias maneiras de difundir uma mensagem de forma mais eficiente.

1.4 Hipertextualidade

Esta característica jornalística surgiu com o advento da Internet. A hipertextualidade consiste na capacidade de interligar blocos de informação, independentemente de estes serem textuais, sonoros ou visuais, através da utilização de *links*. Os elementos de uma notícia ficam assim organizados de acordo com diferentes critérios e permitem a cada utilizador fazer um consumo pessoal dos conteúdos, devido à existência de diversos percursos de leitura.

Na prática, esta especificidade do jornalismo *online* permite ao leitor uma experiência muito mais ativa e dinâmica do que a que tem com os meios tradicionais. No entanto, ao dar ao utilizador a possibilidade de escolher o seu percurso de acordo com as suas preferências e gostos pessoais, corre-se o risco de a informação não ser veiculada na sua totalidade. Ou seja, se assim desejar, a meio de uma notícia, o leitor pode simplesmente mudar de página, ou seguir um *link* que lhe pareça mais interessante ou seja mais apelativo.

Esta característica leva a que os próprios *websites* tenham de pensar melhor a sua organização, de forma a impedir que o leitor se perca no meio de tantas possibilidades. É precisamente por causa desta lógica de interligações que, nas

próprias notícias, é possível encontrar listas de temas associados ou notícias relacionadas.

O hipertexto é assim outra característica do *webjornalismo* que oferece ao leitor uma possibilidade de leitura não-linear e que está sujeita aos interesses e atenção do indivíduo. Esta nova possibilidade está a deixar para segundo plano a técnica da pirâmide invertida e a obrigar o próprio jornalista a pensar a informação de forma inovadora. Os *links* oferecem ao leitor a possibilidade de aprofundamento da pesquisa em causa, mas podem também levar a que o leitor “se perca” no *website*.

1.5 Interatividade

A interatividade tornou-se característica fundamental no mundo digital. No cenário da comunicação mediada através de um computador, a interatividade aparece como uma das mais fundamentais potencialidades. É considerada como uma possibilidade de todos os intervenientes do processo comunicativo (produtores e recetores) interagirem com o meio e também entre si. Os utilizadores passaram a poder participar e a modificar a forma e o conteúdo do ambiente mediado em tempo real. Quando se fala em interatividade na rede, fala-se de uma aproximação do público em relação ao jornalista, tornando a audiência cada vez mais participativa no processo de comunicação. O recetor deixa de ser passivo para adotar uma postura mais ativa, seja através de comentários no próprio *site* ou mesmo com a interação nas redes sociais.

1.6 Ubiquidade

A ubiquidade corresponde ao interesse social em desenvolver mecanismos de acesso e gestão informativa em qualquer lugar. Apesar de não ser uma característica propriamente nova - lembremos os antigos rádios a pilhas, por exemplo - este

atributo em particular toma proporções mundiais devido a todo o raio de ação da internet.

Aqui pode rever-se o conceito de aldeia global de McLuhan. Este investigador previu várias transformações sociais instigadas pela revolução operada no campo tecnológico e usou esta metáfora para explicar como o progresso da tecnologia estava a formar uma sociedade comunicativa com um cariz semelhante ao de uma aldeia, isto é, com a possibilidade de comunicar diretamente, em qualquer momento, com outra pessoa, independentemente do lugar físico onde este último se encontra.

Temos agora uma sociedade em rede, dependente e preocupada com a informação. As novas tecnologias da informação estão a integrar o mundo em redes interligadas globalmente, isto é, pode visualizar-se uma sociedade que vai modificando as suas dinâmicas relacionais de acordo com as suas trocas informativas, sendo que estas estão a migrar do meio físico para o meio virtual oferecido pelas redes.

A capacidade de armazenar conteúdo em servidores remotos e a facilidade de utilização desse mesmo conteúdo mediante alguns serviços de acesso disponíveis em diversos dispositivos (sejam computadores portáteis, *smartphones*, *tablets*, entre outros) é, sem dúvida, um dos grandes fenómenos recentes da ubiquidade.

O armazenamento de dados nesses servidores remotos – comumente denominado “nuvem” - é um sistema operacional nativo da internet que possibilita o acesso a informações, arquivos e programas a partir de qualquer lugar. Este acesso, por parte dos internautas, pode ser realizado através de um modelo de implantação privada, pública, comunitária ou híbrida.

A nível global, o caso mais conhecido que podemos apresentar é o do Google. Este motor de busca permite aos utilizadores aceder a um incontável número de informação armazenada num ambiente virtual através de uma simples barra de pesquisa. Cada internauta possui a liberdade de filtrar conforme os seus interesses o sem-fim de informação que a internet disponibiliza.

2. Os *media* sociais e o *gatewatching*

Uma grande alteração produzida no ecossistema mediático realizou-se através do aparecimento dos *media* sociais e do protagonismo concedido à antiga audiência que ganha uma nova nomenclatura: público - no sentido em que deixa de apenas observar, para passar a participar de forma ativa. O recetor deixa de o ser apenas para passar a ter um papel ativo na produção e na seleção da informação.

Neste contexto, a função do jornalista como *gatekeeper* não desaparece, mas acaba por se transformar para se adaptar a novas exigências. Assim, cada jornalista que antes assumia um papel de *gatekeeper* - onde filtrava e determinava a seleção dos acontecimentos a serem conhecidos – deixa de estar apenas preocupado com a verdade daquilo que divulga, mas passa a ter entre as suas preocupações a qualidade da informação apresentada. Isto porque grande parte dessa informação vem dum meio que é facilmente manipulável - a internet.

Com a saturação e a abundância de informação fútil e desnecessária, a qualidade terá sempre de prevalecer sobre a quantidade. Neste contexto, a presença de um profissional acaba por se tornar imperativa. A influência da internet veio, ultimamente, reafirmar as competências jornalísticas tradicionais, baseadas na seleção da informação.

Nesta lógica, o jornalismo é muito mais importante agora do que noutros tempos, de acordo com a avalanche de informação que é lançada ao leitor. É, assim, necessário selecionar, interpretar e contextualizar as informações que chegam de todo o lado.

Esta função de *gatewatching*, introduzida por Axel Bruns em 2003, não exclui a de *gatekeeping*, mas materializa-se aquando da produção de matéria noticiosa na plataforma *online*. Adaptando-se a uma nova realidade e, uma vez que conta com as

características oferecidas pela internet, os jornalistas tendem a “esquecer” a tradicional pirâmide invertida e concentram-se simplesmente na organização dos factos.

O conteúdo noticioso é disposto através de blocos de informação que podem ser mais ou menos específicos tendo em conta determinados aspetos do conteúdo. Textos breves e de fácil leitura, hiperligações, imagens ou gráficos com som e vídeo, são alterações a destacar nesta nova estrutura narrativa. Esta é a essência da narrativa hipertextual e da liberdade de receção de cada utilizador.

3. Redefinição da dinâmica de consumo

É perceptível a importância de criar e definir uma interface que atenda às necessidades do processo comunicacional iniciado entre utilizador e máquina. Recorde-se que o recurso a computadores, aquando do aparecimento dos mesmos, era realizado através de linhas de comandos. Como sistemas lógicos que são, os computadores recebem uma ordem, executam uma tarefa e dão uma resposta tendo em conta aquilo que se ordenou.

A evolução tecnológica acabou por facilitar e democratizar o acesso aos mesmos com a criação de interfaces gráficas que permitem ao utilizador executar os comandos clicando apenas num botão. Adaptando esta matéria ao cenário do jornalismo digital, percebemos que, para além de projetar para a diversidade, o criador de cada interface tem de respeitar os pressupostos da acessibilidade.

Ao criar esse ambiente, deve procurar tornar a informação acessível ao maior número de pessoas. Não basta juntar elementos informativos sem qualquer critério para se obter um produto mais detalhado, mais rico e mais objetivo. Pelo contrário, tal atitude pode resultar em distorções noticiosas bastante graves.

O caráter móvel tem modificado o cenário do jornalismo digital em bases de dados, uma vez que procura uma produção e veiculação de produtos e serviços dentro de um ambiente móvel, instantâneo, portátil e ubíquo, possibilitado, sobretudo, pelas redes 3G e *Wi-Fi*. A difusão do aspeto móvel e das aplicações permitem a cada utilizador criar o seu próprio contexto de uso das rotinas móveis e personalizáveis, isto é, aspira-se oferecer ao público diferenciadas formas de obter a informação tendo em conta, essencialmente, o momento de receção.

Esta característica acaba por ultrapassar o simples acesso às páginas *web* pelos padrões tradicionais, permitindo-se, a cada sujeito, a possibilidade de acesso à informação de forma simples e direcionada. Hoje é possível ter um *smartphone* com uma aplicação direcionada para uma tarefa em particular como, por exemplo, o estado do tempo.

Assim como se abre espaço ilimitado para a publicação de conteúdo, também se possibilita arquivamento ilimitado de informações (que podem ser recuperadas tanto pelo utilizador como pelo produtor) e permite, a qualquer momento, uma atualização contínua.

Neste novo contexto, o conteúdo/produto deixa de ser um objeto de consumo final para passar a integrar-se numa dinâmica de geração de valor em relações sociais. A lógica do simples *ver* passa à lógica do *fazer*, ou seja, a noticiabilidade deixa de girar à volta do conteúdo para incluir também aquilo que se faz com esse conteúdo (o porquê e para quê do conteúdo digital). A lógica da aplicação substitui a velha lógica da reprodução.

Apesar da profundidade da mudança em processo e da multiplicação dos novos atores na paisagem informativa digital (meios clássicos, meios nativos na Internet, redes sociais, bases de dados, etc.) os utilizadores da informação dos dispositivos móveis recorrem, maioritariamente, a marcas informativas já consolidadas, ou seja, aos *media* tradicionais já existentes. Percebe-se, então, que a confiança dos

utilizadores e a credibilidade dos órgãos comunicativos constituem um foco importante a explorar por estas marcas informativas e que as indústrias digitais devem ter em conta numa eventual aliança estratégica.

A conclusão mais relevante desta fusão entre o ecossistema digital e o mediático é que ambas as partes estão condenadas a entender-se num novo contexto onde as relações sociais dos utilizadores e características como a ubiquidade, a globalidade, a interatividade e a acessibilidade redefinem, de forma radical, toda a dinâmica de consumo dos conteúdos.

4. Novos conceitos no jornalismo e na rádio

Será agora importante entender também que outros acontecimentos têm contribuído para esta ideia de que não são precisos tantos jornalistas ou de que se pode fazer jornalismo com menos profissionais. E, como já percebemos, um dos grandes culpados é o fenómeno da internet. Mas vamos agora focar-nos especificamente nas novidades que este advento trouxe ao mundo da rádio.

Como já foi referido, o conceito de aldeia global de Marshall McLuhan é agora cada vez mais uma realidade. Todos temos acesso a uma quantidade infindável de informação e isso veio, obviamente, alterar a forma como se faz jornalismo radiofónico.

Assim - e recorrendo a um artigo de Carmen Peñafiel Saiz – vamos tentar entender três das grandes novidades que a internet trouxe. "Aqui analisamos as

mudanças tecnológicas que a rádio convencional sofreu na esfera da comunicação de maneira a compreender os elementos chave de um novo jornalismo radiofónico."¹⁶

4.1 Jornalismo cidadão

O conceito de jornalismo cidadão surgiu quando os cidadãos comuns, na forma de *bloggers*, começaram a publicar "notícias" com recurso às novas tecnologias, tais como *tablets* ou *smartphones*. Mas este novo "jornalismo", como qualquer outra ideia nova, nem sempre gera consenso, se há quem aponte as vantagens – mais informação, mais opiniões - também existe quem destaque os riscos – sobretudo a falta de tratamento das notícias - que advêm deste jornalismo cidadão.

Uma coisa é indiscutível: a rádio – e sobretudo a rádio em termos de informação – tem vindo a melhorar. Ao longo dos últimos anos, evoluímos do modelo analógico e tradicional para um jornalismo participativo em que a informação é discutida por todos. A ideia central – e a principal vantagem - é a instantaneidade. É agora possível que cada utilizador receba alertas no telemóvel com as novidades sobre os tópicos de discussão que mais lhe interessam. E, para além dos cidadãos terem um acesso cada vez mais *imediato* àquilo que acontece, são agora também convidados a enviar textos, vídeos ou fotos, contribuindo desta forma para a construção das notícias em si.

Para além destas contribuições, é cada vez mais comum que as pessoas aproveitem estes conteúdos para criar as suas próprias plataformas de comunicação, transformando-se então em novos produtores e transmissores de "informação". No

¹⁶ C. PEÑAFIEL, *Radio Content in the Digital Age - The evolution of the sound medium*. Intellect Ltd. Chapter 4 – Radio and web 2.0: Direct Feedback, 2011, p. 60.

entanto, e devido ao seu caráter amador, os conteúdos informativos que são disponibilizados por estes cidadãos não são devidamente tratados e não se regem pelas normas do jornalismo. Este é, aliás, aquele que parece ser o único ponto de encontro nas várias definições que se conhecem para um conceito ainda sem uma forma definitiva (e que poderá nunca vir a tê-la), como nos diz Frederico Correia “todas as denominações coincidem na base de que o cidadão, que pode ser ou não profissional de jornalismo, desempenha a função de transmitir e difundir informação.”¹⁷

É certo que as notícias que recorrem a *bloggers* e a outros colaboradores que não jornalistas como fontes - ou que são criadas e publicadas autonomamente pelos mesmos - deviam ser verificadas em termos de relevância pública, qualidade e veracidade. Contudo, e devido à crescente importância da instantaneidade, isso nem sempre acontece já que as prioridades são outras, como nos explica João Simão ao enfatizar que “os *blogs* oferecem duas das mais importantes necessidades do *webjornalismo*¹⁸: a atualização constante, renovação de informação, e a interação com os *webnautas*”. Assim, aqueles que são jornalistas de profissão têm alguma dificuldade em lidar com o termo “jornalista cidadão”, visto que não consideram adequado que seja atribuída a denominação *jornalista* a quem não se regula pelo código deontológico da profissão.

Mas, para entendermos melhor este jornalismo cidadão, será necessário uma melhor compreensão das três fases pelas quais o jornalismo passou enquanto se adaptava à expansão da internet e aprendia a moldar os seus conteúdos para o *online*, como nos explica Peñafiel Saiz. Primeiramente, os meios de comunicação não exploravam todo o potencial que a internet poderia oferecer como difusora de informação, ou seja, não adaptavam os conteúdos que produziam em formato

¹⁷ F. CORREIA, *Jornalismo do cidadão – Quem és tu?*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2007, in URL: « <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-frederico-jornalismo-do-cidadao.pdf> ».

¹⁸ J. CANAVILHAS, *WEBJORNALISMO – Considerações gerais sobre o jornalismo na web*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001, in URL: « <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> ».

tradicional ao formato *online*, limitavam-se a copiá-los do formato original para o mais recente (como por exemplo, as notícias publicadas em papel, nos jornais, eram transcritas para o digital).

Em seguida, deu-se a verdadeira mudança pois o jornalismo passou a dar mais atenção ao mundo virtual, e por consequência aos seus utilizadores, e começou a criar conteúdos informativos próprios para o formato digital, tendo já em conta as suas especificidades. Segundo aquela autora, “é aqui que a informação para a internet se dissocia da sua versão analógica”¹⁹.

Por último, a comunicação social explora agora todo o potencial do formato digital, ao utilizar a internet - e os seus usuários - de um modo absolutamente interativo. Com a instantaneidade que hoje se exige ao jornalismo, o aproveitamento dos meios tecnológicos mais recentes, como os *smartphones* e os *tablets*, para criar uma interação constante com o público é já quase uma obrigação para os profissionais desta área. Já não são os jornalistas os únicos a decidir o que é notícia. A opinião do público tem hoje mais importância do que em qualquer outra fase da história da imprensa. As redes sociais, por exemplo, permitem que a opinião de qualquer um ganhe uma relevância significativa (por vezes desproporcional em relação ao tema) na hora de dar destaque a uma qualquer notícia difundida na internet (o que por si só poderá já indicar que não foi produzida e lançada por jornalistas profissionais).

Ao explicar as três fases de adaptação do jornalismo à internet, Carmen Peñafiel vai ao encontro das ideias de Mariano Cébrian – que se centra no jornalismo radiofónico - quando este nos diz: “A *ciberradio* não é uma rádio que se difunde pela

¹⁹ C. PEÑAFIEL, *Radio Content in the Digital Age - The evolution of the sound medium*. Intellect Ltd. Chapter 4 – *Radio and web 2.0: Direct Feedback*, 2011, p. 67.

internet, mas sim algo que integra todos os componentes do *online* como algo próprio deste formato e os transforma a fim de os converter em algo diferente.”²⁰

4.2 A interatividade na rádio

Nasce uma nova cultura de interatividade que requer uma mudança de mentalidade por parte de todos os ouvintes para que se promova um diálogo real e eficaz. (Cébrian, Mariano, 2009)²¹.

A evolução da rádio, e a sua adaptação cada vez mais visível ao digital, transformou o que era uma interatividade mais rudimentar entre o público e os jornalistas radiofónicos (envio de opiniões por correio para as sedes da rádio), num diálogo entre a estação e os seus ouvintes internautas. Esta constante troca de dados entre os produtores de conteúdos e os recetores dos mesmos valoriza o contributo dos últimos ao ponto de os tornar protagonistas da informação radiofónica. Com o desenvolvimento do webjornalismo, a produção de conteúdos passou também a ter em conta o recente carácter intuitivo das plataformas digitais e a facilidade de seleção e multiplicação das mensagens.

Para Carmen Peñafiel Saiz, desde o advento da internet, a criação de conteúdos deixou de visar necessariamente o alcance de grandes audiências, conduzindo assim a novos tipos de narrativas e formas de expressão. Uma das grandes mudanças que esta evolução trouxe foi a capacidade de vender conteúdos exclusivos deste formato, além de usar ainda a popularidade do mesmo para que as estações beneficiem de novos

²⁰ M. CÉBRIAN, *apud* C. PEÑAFIEL, *Radio Content in the Digital Age - The evolution of the sound medium*. Intellect Ltd. *Chapter 4 – Radio and web 2.0: Direct Feedback*, 2011, p. 68.

²¹ M. CÉBRIAN, *Expansión de la ciberradio*. *Enl@ce Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento* - Año 6: No. 1, Enero-Abril 2009, 2009, p. 20.

acordos de publicidade, mais rentáveis do que os que conseguia no seu formato tradicional.

Esta ideia de novas narrativas e formas de expressão é partilhada por Cébrian. O jornalista espanhol acredita numa rádio cada vez mais personalizada: “Às comunicações controladas por empresas junta-se a comunicação e a liberdade de expressão características da sociedade civil e do uso individual”.²²

²² M. CÉBRIAN, *Expansión de la ciberradio*. Enl@ce Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento - Año 6: No. 1, Enero-Abril 2009, 2009, p. 20.

CAPÍTULO III

TSF: Uma rádio resiliente

Introdução

Avançamos assim para o verdadeiro tema deste relatório: o futuro de uma profissão que está neste momento a passar seguramente por uma crise. Quando chegou a altura de escolher o tema para este trabalho final não tardámos a concluir que esta era a questão incontornável e o ponto mais marcante dos três meses de estágio na TSF.

De que falamos então? Falamos – de acordo com a experiência de estagiário - de uma redação que faz os possíveis e os impossíveis para sobreviver dia após dia. Mas também é certo que não falamos apenas da TSF, falamos um pouco do que se passa em todos os órgãos de comunicação social de Portugal.

A crise chegou também aos *media* e os despedimentos coletivos condicionam cada vez mais o trabalho dos jornalistas que ainda têm lugar na redação. Cada vez mais os profissionais têm de ser mestres em várias funções e dominar várias áreas em simultâneo para colmatar a falta que fazem aqueles que foram mandados embora.

São questões socioeconómicas – bem patentes no caso da TSF – mas também o evoluir dos tempos que têm vindo a mudar o jornalismo que conhecíamos. O surgimento da internet pode ter trazido muitos benefícios – podemos claramente afirmar que é agora mais fácil obter informação – mas levou também a uma especificação na procura dos conteúdos e a que o público acabe por não ter noção do “grande plano” do que se passa na atualidade uma vez que deixa de acompanhar os meios de comunicação tradicionais.

E há ainda outras questões prementes. Esses mesmos meios de comunicação estão ainda hoje a aprender tirar partido do fenómeno da internet e de outras novidades como as redes sociais. Primo diz-nos que “no quotidiano de um jornalista, ele utilizará com grande frequência ligações telefónicas, e-mails e buscas no Google para procurar informações, entrar em contacto com fontes e colegas, etc. Ora, não se pode apagar a existência desses actantes não humanos ou ignorar como eles alteram significativamente os processos”.²³ Mas estas mudanças acabam por resultar em cortes nas equipas de jornalistas.

Mais, a fácil criação de conteúdos levou a que todos tenham a liberdade e o à vontade para serem informadores, embora as regras deontológicas pelas quais o jornalismo se deve reger sejam muitas vezes esquecidas. Face a estas novas constantes, e se não atentarmos nas possíveis consequências, os jornalistas parecem, por vezes, desnecessários. E quem tem o poder de decisão e de compra opta por cortar naquilo que erradamente lhe parece supérfluo. Encontramo-nos num mundo em constante

²³ A. F. PRIMO, *Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard*. Intexto, 2, 130-146, 2011, p. 139, in URL: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/24309/14486>>.

mudança e evolução e o jornalismo está ainda a perceber como se deve adaptar a este progresso.

Se pensarmos na vertente técnica, os weblogs parecem encaixar na perfeição com as exigências do tempo jornalístico presente, potenciam um espaço de sinergias multimédia e corporizam um novo conceito de produção de texto apelativo e adaptável às exigências formais do jornalismo. Se olharmos para os aspetos de conteúdo, percebemos nos weblogs menos pontos de contacto com o jornalismo do presente, mas talvez uma eventual visualização do que se lhe pode vir a pedir: texto cuidado, ligação às fontes, formatação menos rígida, estilo mais próximo da ‘voz humana’, maior personalização e menor intermediação.²⁴

Como nos explica Luís Santos, as novas tecnologias podem potenciar as qualidades do jornalismo. No entanto, requerem uma grande adaptação – e mesmo uma evolução por parte dos jornalistas, ainda que tenham, neste mundo, uma “menor intermediação”.

Agora que já conhecemos a história da TSF, que já percebemos o funcionamento do estágio e que temos também alguns conhecimentos teóricos, podemos avançar para temáticas mais complexas. Refletiremos agora sobre a situação difícil que a TSF vive neste momento.

Este capítulo centrar-se-á portanto em dois grandes focos: primeiramente, será necessário entender de que forma as questões de cariz financeiro podem influenciar um órgão de comunicação; após esta primeira fase, iremos explorar o caso concreto da TSF. Tentaremos compreender um pouco melhor o que levou aos despedimentos coletivos, seguindo depois para as consequências que estes trouxeram à dinâmica da redação.

²⁴ L. SANTOS, *A explosão dos weblogs em Portugal: percepções sobre os efeitos no jornalismo*. Actas do II Congresso Ibérico de Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã (21 a 24 de abril de 2004), 2004, p. 32.

1. Questões socioeconómicas

São muitos, diversificados e poderosos os condicionalismos que afetam a atividade jornalística, desde os que derivam da sua inserção numa empresa cujos objetivos são cada vez mais dirigidos para o lucro e menos para a melhoria da informação, até aos que têm a ver, quer com a pressão das fontes mais poderosas, institucionais ou não, quer com um quadro legal em muitos aspetos restritivo da necessária autonomia profissional.²⁵

São cada vez mais as constantes que condicionam o jornalismo. Como Fernando Correia refere, a atividade jornalística está sempre sujeita a diversos fatores exteriores, tais como a pressão por parte de fontes ou as obrigações financeiras. Não obstante, será importante perceber de que maneira os *media* são encarados pelas mais diversas entidades. Desta forma e tendo em vista os interesses próprios de cada um, será mais fácil entender a maneira como se comportam face aos grandes órgãos de informação.

Na obra “Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia”, Fernando Correia, estrutura sinteticamente esses grupos. Dum lado, temos os jornalistas que entendem os *media* como um valioso espaço de informação. Do outro, aqueles que detêm esses órgãos de comunicação encaram-nos como um produto sobretudo económico, ainda que também político e ideológico. E é aqui que surge, muitas vezes, o problema: quando se gere uma companhia como se fosse um produto, esquecem-se as implicações que esta tem no grande público e o seu carácter essencial para a população.

Os publicitários entendem os *media* como um suporte de anúncios, “tal como os *outdoors* ou outro qualquer meio de chegar às pessoas e convencê-las a comprar a

²⁵ F. CORREIA, *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*. Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2006, p. 13.

marca x”²⁶. Para os dirigentes políticos e também para os desportivos, os órgãos de comunicação funcionam como um instrumento na luta pelo poder.

Quanto ao público, os cidadãos usam os *media* como espaço de participação em substituição de instrumentos tradicionais da vida democrática. Trabalhadores, sindicatos e grupos minoritários, entre outros, veem um espaço de reivindicação. Alguns setores da intelectualidade encontram uma instância de visibilidade e de legitimação e credibilização.

Mas a verdade é que, para a generalidade da população, os *media* detêm um papel fundamental como um dos principais instrumentos de conhecimento e de atualização de valências. Os *media* – e sobretudo a televisão – são “fonte de saber, de entretenimento, de lazer e de cultura”²⁷.

1.1 *Media* vs Jornalistas

Torna-se bastante claro que *media* e jornalistas não são o mesmo e possuem características muito próprias, ainda que muitas vezes sejam entendidos como uma mesma entidade com os mesmos objetivos.

Sendo agora mais específicos, atentemos então no caso dos *media*. Para Fernando Correia, são “organizações empresariais submetidas aos objetivos e lógicas

²⁶ F. CORREIA, *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*. Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2006, p. 14.

²⁷ Idem, p. 16.

comerciais, fundamentalmente viradas para a procura das audiências, que trazem consigo a publicidade e, com ela, os lucros”²⁸

Centremo-nos agora nos jornalistas. Estes são, como tantos outros, profissionais que trabalham por um salário ao fim do mês. Contudo, têm uma espécie de propósito maior: informar o grande público. Desta forma, ainda que tenham sempre de responder a alguém pelo trabalho que fazem, tentam sempre entender “a notícia como um bem social e não como uma mercadoria.”²⁹

Empresas mediáticas e jornalistas não devem nem podem ser identificados. Para além daquilo que os une – a fabricação de um «produto» que, naturalmente, a ambos interessa que mereça a adesão do público –, a verdade é que uns e outros não buscam, em última instância, fins idênticos, antes pelo contrário: frequentemente os critérios comerciais revelam-se contraditórios com os critérios jornalísticos, o que gera uma conflitualidade latente e cria sérios constrangimentos à autonomia jornalística e ao direito do público a informar-se e a ser informado. (Correia, Fernando, 2006)³⁰

Correia é claro: *media* e jornalistas têm objetivos primários diferentes. Com interesses tão díspares e modos de encarar o mundo tão diferentes é apenas natural que acabem por surgir conflitos e divergências entre jornalistas e os ditos *media*. Tentaremos agora refletir sobre as implicações deste fenómeno através da análise de um exemplo prático. Ainda que o caso utilizado não vise propriamente as questões deontológicas ou os conflitos de interesse que podem surgir, acreditamos que ilustra perfeitamente o que acontece a uma redação quando o principal foco são os lucros e os gastos da empresa.

²⁸ F. CORREIA, *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*. Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2006, p. 16.

²⁹ *Idem*, p. 17.

³⁰ *Idem, ibidem*.

2. O caso em análise – a TSF

Antes de mais – e apesar de termos já falado da história desta rádio -, será importante traçar um historial mais detalhado do que tem acontecido na TSF ao longo dos últimos anos e que tem levado a cortes tanto nas equipas de jornalistas como em outros meios necessários à célere produção de notícias.

Em novembro de 2013, o Público noticiava “O empresário angolano António Mosquito vai entrar no capital da área de *media* do grupo Controlinveste (...) com uma posição de 27,5%, idêntica à de Joaquim Oliveira. Para além dos empresários Joaquim Oliveira, que detinha 100% do Grupo *Media*, pertencente à Controlinveste, e de António Mosquito, a empresa vai contar com mais três acionistas: Luiz Montez, com 15%, e os dois bancos credores, BCP e BES, cada um com 15% do capital.”³¹.

De salientar ainda que Daniel Proença de Carvalho esteve ligado a esta transformação, tendo inclusive sido sugerido para a presidência não executiva da empresa. Mas o certo é que esta mudança acionista viria a afetar um grande número de redações detidas não só pela Controlinveste mas também pelo Grupo *Media*. Para além da TSF, também o *Jogo*, o *Diário de Notícias*, o *Jornal de Notícias*, o *Açoriano Oriental*, o *Diário de Notícias da Madeira*, o *Jornal do Fundão* e as revistas *Volta ao Mundo* e *Evasões* foram implicadas.

Mais tarde, em fevereiro de 2014, é assinado o acordo que, segundo o comunicado de empresa, permitiria um “reforço considerável da estrutura de capitais do grupo de *media* da Controlinveste, assegurando a sua sustentabilidade financeira e estabelecendo os necessários alicerces à revitalização e relançamento da sua

³¹C. Ferreira, Mosquito, Montez, BCP e BES são os novos acionistas da Controlinveste, 26 de novembro de 2013, in URL: <<http://www.publico.pt/economia/noticia/mosquito-oliveira-montez-bcp-e-bes-sao-os-novos-accionistas-do-dn-1614025>>.

atividade”³². Logo aí a nova gerência deixou patente que se avizinhava um clima de reformas e de possíveis despedimentos.

Confirmadas as previsões, em junho as capas dos jornais enchem-se com as más notícias. A Controlinveste iria despedir 160 trabalhadores, dos quais 65 jornalistas. A justificação passava pela redução de custos para garantir a sustentabilidade do negócio, como foi explicado no comunicado de imprensa.

Face a esta informação, começaram uma série de ações reivindicativas logo no dia 7 de julho. “Trabalhadores do grupo, jornalistas de outros meios de comunicação, deputados e sindicalistas juntaram-se ao final da tarde numa vigília em frente ao Diário de Notícias (...), em Lisboa, em solidariedade e contra o despedimento coletivo de 140 pessoas (...)”³³.

Não obtendo sucesso com a vigília, os trabalhadores avançaram com uma greve no dia 11 do mesmo mês. “Na rádio TSF, 78% dos repórteres também aderiu à paralisação, que alcançou mesmo os 100% em dois turnos do dia”³⁴. O presidente do Sindicato dos Jornalistas, Alfredo Maia, referiu que “esta adesão leva-nos a reforçar o apelo à administração para que suspenda este processo de despedimento coletivo e a exortar ao reforço da unidade entre trabalhadores para continuar a lutar”.

Apesar dos esforços de contestação, os novos empresários da Controlinveste mantiveram-se fiéis aos seus objetivos iniciais e os despedimentos foram levados avante.

³² Controlinveste reúne Conselho Estratégico, 06 de junho de 2014, *in* URL: <http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=3957244&seccao=Media>.

³³ Dezenas de trabalhadores da Controlinveste contestam despedimento coletivo, 07 de julho de 2014, *in* URL: <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Media/interior.aspx?content_id=4013628>.

³⁴ Adesão à greve é "sinal claro" para que Controlinveste suspenda despedimento, 11 de julho de 2014, *in* URL: <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Media/interior.aspx?content_id=4022731>

2.1 A minha *inside view*

Devido ao facto de o estágio curricular na TSF se ter iniciado em setembro de 2014, foi possível compreender como os despedimentos e outros cortes afetaram o funcionamento da redação.

Na manhã 2 a equipa era constituída por cerca de 6 pessoas: uma editora e 5 jornalistas – sendo que duas destas últimas desempenham funções específicas como editora de “meias-horas” e “produtora”; há ainda apoio por parte de repórteres no Porto e no Algarve. Contudo, segundo foi explicado, estas equipas são agora mais reduzidas do que costumavam ser.

Porém, devido à gestão das folgas de cada jornalista, é raro estarem as sete pessoas em redação. Esta situação pode ser agravada caso algum jornalista seja obrigado a ausentar-se por tempo indeterminado por razões médicas ou outras. Será necessário ter em conta aqui que, desta equipa, a editora, a editora de “meias-horas” e a produtora não podem sair da redação o que leva, muitas vezes, à impossibilidade de alguém se deslocar à rua em reportagem para cobrir os mais variados eventos, independentemente da sua relevância jornalística.

Ir, em vez de telefonar! Estar no local onde acontecem as coisas, não depender de fontes indiretas, ser o repórter a testemunha privilegiada. E, ao ir, ao estar, ao testemunhar, recolher – em «primeira mão» - os depoimentos, os sons, as opiniões. É isso a reportagem.³⁵

Compromete-se assim o espírito da TSF de “ir em vez de telefonar”. Devido aos despedimentos, os jornalistas ficam muitas vezes circunscritos à informação que lhes é fornecida por telefone ou através da internet.

³⁵ J.P. MENESES, *Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo*, 2003, p. 20.

Também derivado aos cortes, os jornalistas têm de ser cada vez mais multitarefas, dedicando o seu tempo não apenas às atividades de sempre mas também a atualizar os conteúdos *online* – tarefa essa que anteriormente era da responsabilidade de equipas designadas exclusivamente para esse efeito.

Os cortes também se refletem nas informações a que os jornalistas têm acesso. Desta feita, os *takes* da *FrancePress* deixaram de fazer parte dos conteúdos a que a redação podia aceder, passando a estar condicionada apenas aos da *Reuters* e da Agência Lusa.

Concluimos assim aquilo que não queríamos concluir. Cortou-se nos jornalistas, cortou-se nas idas à rua, cortou-se no acesso à informação. Em suma, cortou-se no mais importante. Ainda assim, os jornalistas da TSF e de tantos outros órgãos de comunicação continuam a fazer um esforço diário para que os conteúdos informativos mantenham a qualidade de sempre.

3. A crise no jornalismo – que soluções?

Antes da chegada da internet, a narrativa do jornalismo era específica para cada plataforma, o jornalismo escrito baseava-se em textos e fotografia, a rádio limitava-se a narrar as suas histórias com áudio e a televisão tratava de sons e imagens em movimento. Já com a internet, estas plataformas convergiram numa só, e hoje em dia, os *sites* combinam texto, fotografia, áudio e vídeo. Cabe agora ao jornalista pensar nas diferenças do jornalismo e na melhor forma de fornecer as informações.³⁶

Para Helder Bastos, o futuro passa por uma adaptação por parte dos jornalistas. Estes devem aprender a melhor forma de potencializar a informação recorrendo às

³⁶ H. BASTOS, *Evolução e tendências do ciberjornalismo em Portugal*. III Congresso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0, Bilbao, 2011, p. 31.

novas tecnologias. Numa redação em que os jornalistas são cada vez menos, importa perceber como combinar o texto, a fotografia, o áudio e o vídeo nas plataformas *online*.

Bastos afirma ainda que estas mudanças podem ser perspetivadas de forma positiva, na medida em que podem ser consideradas uma fonte de novas oportunidades, pois oferecem aos jornalistas a possibilidade de melhorar o seu trabalho. Todavia, a tecnologia tem também um lado negativo, já que “introduziu uma nova geração de profissionais dedicados a preparar edições *online*, muitas vezes jovens e mal pagos. Com *deadlines* apertados, tendem a concentrar o trabalho em tarefas de copiar e colar em vez de escreverem artigos próprios”.³⁷

É inegável que a internet transformou por completo o jornalismo. A relevância da rede está já entranhada no seio das redações, onde operou mudanças profundas na forma como se produzem conteúdos jornalísticos.

3.1 A atitude da TSF

Os jornalistas têm agora de aprender a adaptar-se às novas situações e a tirar partido das contrariedades. Não propriamente por quererem mas por não terem outra hipótese. Na redação da TSF, por exemplo, que foi alvo de grandes cortes, é agora necessária uma nova forma de agir que passa, de acordo com as observações feitas durante o período de estágio, por três grandes atitudes.

Um dos primeiros passos – e um dos mais amargos – é lidar com a questão dos despedimentos. Mas, neste aspeto, os jornalistas da TSF distinguem-se pelo facto de terem conseguido ultrapassar esta mudança sem deixar que a mesma prejudicasse o seu trabalho. Ainda que estes “cortes” lhes tenham custado, lidam agora com o dia-a-dia na redação como se tivesse sido sempre assim. Ainda que uma equipa de dez

³⁷ *Idem, ibidem.*

peçoas funcione neste momento com cinco ou menos jornalistas, estes trabalham como se o trabalho extra fizesse parte do seu quotidiano desde o primeiro dia.

Os jornalistas têm também aprendido a trabalhar com as novas tecnologias. Não podendo deslocar-se tanto em reportagem, socorrem-se agora não apenas dos telefones mas também da internet. Assim, consultam outros órgãos de comunicação, contactam possíveis fontes, fazem pesquisas e recorrem ainda ao jornalismo cidadão.

Outro das posturas que consideramos mais importantes passa pelo esforço das equipas da TSF continuarem a tentar sair em reportagem. Apesar de o número de jornalistas ter decrescido bastante, os que permanecem na redação continuam a fazer um esforço para ir à rua, para assistir aos acontecimentos, para falar diretamente com as fontes, o que acrescenta mais valor aos blocos noticiosos.

Estas são apenas três *atitudes* que achámos mais relevantes e que decidimos expor. Mas a verdade é que este órgão de comunicação, à semelhança de tantos outros, continua a lutar para que a profissão não perca o devido valor. É graças aos profissionais que ainda têm emprego e que superam as ausências daqueles que foram dispensados que a população em geral continua a ter acesso à informação – mais, informação de qualidade, como é o caso, ainda e sempre, da TSF – Rádio Jornal.

Considerações finais

O presente relatório de estágio tenciona ser um levantamento de algumas das questões que mais nos preocupam atualmente relativamente ao futuro do jornalismo, tendo em conta as novas condicionantes que se têm atravessado no seu caminho. Em retrospectiva, nunca tencionou ser mais que isso, uma vez que é ainda cedo para se determinarem as consequências das mudanças recentes, ou seja, para se fazer História.

O jornalismo *online* é já uma realidade definida no panorama jornalístico, não só português, mas também no resto do mundo, isto é, já não se pode ou não se deve fazer jornalismo sem o acesso à rede. Apesar de o jornalismo tradicional ainda possuir alguma notoriedade junto do público, precisa já de se aventurar pela internet, seja

através da busca de informação ou pela criação de uma página *online*, de forma a não ficar atrás dos seus concorrentes diretos.

Durante alguns anos foi-se avançando no que respeita ao jornalismo produzido, em exclusivo ou não, para a internet mas, como explica Canavilhas, “cedo se percebeu que explorar as potencialidades da Web exigiria um investimento assinalável. Numa fase inicial pensou-se que o desaparecimento das despesas relativas ao papel e à distribuição colocaria os custos ao nível das receitas oriundas da publicidade. Mas não é bem assim: apesar das receitas da publicidade *online* continuarem a crescer, os valores atingidos estão ainda longe de cobrir os custos inerentes a uma publicação pensada para a Web”.³⁸

E assim chegamos aos dias de hoje. Sujeitos à lógica empresarial e a uma política de cortes, os jornalistas têm de lidar com as expetativas frustradas que os chefes tinham relativamente ao advento da internet. Sim, é agora possível ter audiências cada vez mais maiores e a publicidade chega a uma infinidade de pessoas. Ainda assim, há uma crise e os lucros não superam os custos.

Depois de cinco anos de aprendizagem – ao longo de uma licenciatura e de um mestrado – é com este tipo de *media* com que teremos de lidar no futuro. Já não se espera uma redação cheia de jornalistas com todas as infinitas possibilidades. Os três meses de estágio curricular não foram mais do que uma antevisão do que se adivinha um futuro bastante complicado.

A verdade é que a lógica dos custos tem levado a que se corte no bem mais essencial: a mão-de-obra, os profissionais, os jornalistas. Espera-se e acredita-se que sem estes poderá continuar a haver jornalismo. Mais do que nunca, a profissão experiencia uma grave crise. E cabe aos grandes pará-la.

Os que ficam - os que ainda têm lugar na redação - aguentam-se como podem. Recorrem a meios menos fiáveis como a internet e dependem quase exclusivamente

³⁸ J. CANAVILHAS, João, *Retrato dos jornalistas online em Portugal*, 1999, p. 25.

das novas tecnologias para continuar a fazer o seu trabalho. Porque quanto menos forem, mais presos estão à redação. E ali, sentados, não podem ir “ao fim da rua”. Não podem ir “ao fim do mundo”.

Bibliografia

AMADORI, Rosane & MARQUES, Márcia Gomes (2009). *A instantaneidade e a construção da notícia no jornalismo online*. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste/ Comunicação Multimídia, p. 2. Brasil.

BASTOS, Helder (2011). *Evolução e tendências do ciberjornalismo em Portugal*. III Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0, Bilbao.

BASTOS, Helder (2010). *Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal: Os Primeiros Quinze Anos (1995-2010)*. Porto: Edições Afrontamento.

CAMPONEZ, Carlos (2012). *A crise do jornalismo face aos novos desafios da comunicação pública*. Atas dos ateliers do 5º Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividades e Ação. Atelier: Comunicação.

CANAVILHAS, João. (1999). *Retrato dos jornalistas online em Portugal*.

CANAVILHAS, João (2001). *WEBJORNALISMO – Considerações gerais sobre o jornalismo na web*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.

CÉBRIAN, Mariano (2009). *Expansión de la ciberradio*. Enl@ce Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento - Año 6: No. 1, Enero-Abril 2009, pp.11-23.

CHARDON, Jean-Marc & SAMAIN, Olivier (1995). *Le journalist de radio*.

CORDEIRO, Paula (2003). *A rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*.

CORDEIRO, Paula (2005). *Rádios temáticas: perfil da informação radiofónica em Portugal. O caso da TSF*.

CORREIA, Fernando (2006). *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*. Editorial Caminho, SA Lisboa.

MCLUHAN, Marshall (1964). *Understanding media*.

MENESES, João Paulo (2003). *Tudo o que se passa na TSF... Para um livro de estilo*.

PEÑAFIEL, Carmen (2011). *Radio Content in the Digital Age - The evolution of the sound medium*. Intellect Ltd. Chapter 4 – Radio and web 2.0: Direct Feedback.

PRIMO, A. F. (2011). *Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard*. Intexto, 2, 130-146.

SANTOS, Luís (2004). *A explosão dos weblogs em Portugal: percepções sobre os efeitos no jornalismo*. Actas do II Congresso Ibérico de Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã (21 a 24 de abril de 2004)

Jornal Diário DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Controlinveste reúne Conselho Estratégico*, 06-06-2014. Disponível no Anexo IV ou em:

http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=3957244&seccao=Media
(consultado em 05-06-2015)

Jornal Diário JORNAL DE NOTÍCIAS. *Dezenas de trabalhadores da Controlinveste contestam despedimento coletivo*, 07-07-2014. Disponível no Anexo IV ou em:

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Media/interior.aspx?content_id=4013628
(consultado em 05-06-2015)

Jornal Diário JORNAL DE NOTÍCIAS. *Adesão à greve é "sinal claro" para que Controlinveste suspenda despedimento*, 11-07-2014. Disponível no Anexo IV ou em:

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Media/interior.aspx?content_id=4022731
(consultado em 07-06-2015)

Jornal Diário PÚBLICO. *Breve história das rádios piratas*, 24-12-1998. Disponível no Anexo IV ou em: <http://www.publico.pt/destaque/jornal/breve-historia-das-radios-piratas-121147> (consultado em 25-08-2015)

Jornal Diário PÚBLICO. *TSF: Um projeto que quer continuar a ir “ao fim da rua e ao fim do mundo”*, 29-02-2008. Disponível no Anexo IV ou em:

<http://www.publico.pt/media/noticia/tsf-um-projecto-que-quer-continuar-a-ir-ao-fim-da-rua-e-ao-fim-do-mundo-1321163> (consultado em 03-06-2015)

Jornal Diário PÚBLICO. *Mosquito, Montez, BCP e BES são os novos acionistas da Controlinveste*, 26-11-2013. Disponível no Anexo IV ou em:

<http://www.publico.pt/economia/noticia/mosquito-oliveira-montez-bcp-e-bes-sao-os-novos-accionistas-do-dn-1614025> (consultado em 05-06-2015)

Rádio online TSF. *TSF cria prémio Emídio Rangel*, 09-09-2014. Disponível no Anexo IV ou em:

http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=4114820 (consultado em 27-08-2015)

Websites consultados:

<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-historia-da-radio> (consultado em 25-08-2015)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Em%C3%ADdio_Rangel (consultado em 27-08-2015)

<http://www.globalmediagroup.pt/> (consultado em 20-08-2015)

ANEXO I

Diário de bordo

NOTA PRÉVIA:

Para que o diário de bordo não se torne tão cansativo, alguns elementos – como a reunião de informação que tinha lugar todas as manhãs – serão suprimidos depois de serem mencionados pela primeira vez.

Dia 0 – 15 de setembro

- Reunião com orientador;
- Reconhecimento do espaço da redação;

- Apresentação a editora e a chefe de redação.

Dia 1 – 16 de setembro

- Apresentação a equipa da manhã 2;
- Reunião de informação;
- Observação da dinâmica de trabalho na redação;
- Breve explicação sobre as funcionalidades básicas do TeamNews e do Telex.

Dia 2 – 17 de setembro

- Construção de breves a partir das informações do Telex;
- Correção por parte da orientadora e reconstrução das mesmas.

Dia 3 – 18 de setembro

- Construção de breves a partir das informações do Telex;
- Correção por parte da orientadora e melhoramento das mesmas;
- Gravação dessas mesmas breves.

Dia 4 – 19 de setembro

- Audição da locução das breves do dia anterior;
- Construção de breves com base em relatórios;

- Correção das mesmas por parte da orientadora;
- Redação de lançamentos para as breves.

Dia 5 – 22 de setembro

- Construção de noticiário;
- Correção do noticiário.

Dia 6 – 23 de setembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: deslocação até ao Rossio para assistir à assinatura dos contratos para a empreitada do Túnel do Marão com intervenção do Secretário de Estado dos Transportes e do Presidente das Estradas de Portugal.

Dia 7 – 24 de setembro

- Seleção e corte de sons para a peça do Túnel do Marão;
- Redação de texto para a mesma peça;
- Acompanhamento e correção do trabalho realizado.

Dia 8 – 25 de setembro

- Gravação e montagem da peça do Túnel do Marão;

- Audição da locução da mesma peça.

Dia 9 – 29 de setembro

- Pesquisa de contactos de portugueses em Hong Kong devido a manifestação dos guarda-chuvas;
- Construção de noticiário;
- Correção e melhoramento de noticiário;
- Gravação do trabalho feito;
- Audição da locução.

Dia 10 – 30 de setembro

- Seleção e corte de sons para peça sobre manifestação em Hong Kong;
- Redação de texto para a peça.

Dia 11 – 1 de outubro

- Gravação peça Hong Hong;
- Audição da locução.

Dia 12 – 2 de outubro

- Atribuição de nova tarefa: procurar uma história.

Dia 13 – 3 de outubro

- Redação de breves.

Dia 14 – 6 de outubro

- Construção de noticiário com tempo limite à semelhança do que se passa realmente na redação.

Dia 15 – 7 de outubro

- Correção e melhoramento do noticiário;
- Construção de noticiário com sons e peças.

Dia 16 – 8 de outubro

- Redação de breves.

Dia 17 – 9 de outubro

- Gravação do noticiário com sons e peças.

Dia 18 – 10 de outubro

- Construção de peças sobre cada um dos laureados do Prémio Nobel da Paz;
- Correção da peça;
- Construção de novas peças desta vez com mais informação sobre os vencedores.

Dia 19 – 13 de outubro

- Construção de noticiário.

Dia 20 – 14 de outubro

- Correção de noticiário;
- Audição de peças sobre Prémio Nobel da Paz;
- Gravação de noticiário.

Dia 21 – 15 de outubro

- Audição do noticiário previamente gravado;
- Experiências de locução em estúdio.

Dia 22 – 16 de outubro

- Audição e apontamentos sobre o Fórum;
- Redação de peças.

Dia 23 – 17 de outubro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: atribuição de prémio Leya a Afonso Reis Cabral pela obra “O meu irmão”.
- Contribuição na passagem de informação sobre o autor para a redação.

Dia 24 – 21 de outubro

- Por falta de elementos na equipa (na redação encontravam-se apenas a editora, a editora de meias horas e o produtor) fui dispensada.

Dia 25 – 22 de outubro

- Audição de locução de peças;
- Seleção e corte de sons sobre Prémio Leya;
- Acompanhamento de jornalista em reportagem: inauguração de homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo na rua em que esta morava.

Dia 26 – 23 de outubro

- Construção de peça sobre Prémio Leya;
- Seleção e Corte de sons para peça sobre ex-ministra Maria de Lourdes Pintasilgo.

Dia 27 – 24 de outubro

- Construção de peça sobre Maria de Lourdes Pintasilgo;
- Audição da locução das peças dos dias anteriores;
- Gravação em estúdio com acompanhamento da orientadora.

Dia 28 – 27 de outubro

- Correção peça sobre Maria de Lourdes Pintasilgo;
- Gravação da mesma;
- Treino de locução em estúdio.

Dia 29 – 28 de outubro

- Pesquisa de contacto de biólogo Kevin Verstrepen;
- Treino de locução em estúdio.

Dia 30 – 29 de outubro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: entrevista ao presidente da TAP, Fernando Pinto e de assessora de imprensa do mesmo;
- Seleção e corte de sons da assessora;
- Redação de breves notas para acompanhar os sons antes de irem para o ar.

Dia 31 – 30 de outubro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: festejos de Halloween na Mouraria;
- Experiências em termos de locução.

Dia 32 – 31 de outubro

- Acompanhamento na montagem da peça do Halloween;
- Experiências de locução.

Dia 33 – 3 de novembro

- Redação de três breves.

Dia 34 – 4 de novembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: encerramento de conferências Cidades do Futuro;
- Ajuda na recolha de sons.

Dia 35 – 6 de novembro

- Redação de breves;
- Ajuda à tradução de uma entrevista.

Dia 36 – 7 de novembro

- Redação de breves.

Dia 37 – 11 de novembro

- Redação de breves.

Dia 38 – 12 de novembro

- Seleção e corte de sons para a peça sobre as Cidades do Futuro.

Dia 39 – 13 de novembro

- Redação da peça sobre as Cidades do Futuro;
- Gravação da mesma;

- Audição da locução.

Dia 40 - 14 de novembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: deslocação até ao Tribunal da Justiça devido ao caso de Sócrates.

Dia 41 – 17 de novembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: deslocação até à Procuradoria-Geral por causa de uma cerimónia e até ao Tribunal da Justiça devido ao caso de Sócrates.

Dia 42 – 19 de novembro

- Elaboração de perfil sobre meteorologista Anthímio de Azevedo.

Dia 43 – 20 de novembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: entrevista a Afonso Reis Cabral no seu local de trabalho aquando do lançamento da sua obra “O meu irmão”.

Dia 44 – 21 de novembro

- Correção da peça sobre Anthímio de Azevedo.

Dia 45 – 24 de novembro

- Construção de noticiário para a meia hora.

Dia 46 – 25 de novembro

- Gravação de perfil e noticiário;
- Experiências de locução em estúdio com diversos textos.

Dia 47 – 26 de novembro

- Construção de breves.

Dia 48 – 27 de novembro

- Gravação de breves.

Dia 49 – 28 de novembro

- Construção de noticiário.

Dia 50 – 1 de dezembro

- Por falta de elementos na equipa fui dispensada.

Dia 51 – 2 de dezembro

- Redação de breves.

Dia 52 – 3 de dezembro

- Gravação de breves.

Dia 53 – 4 de dezembro

- Construção de peça criativa.

Dia 54 – 5 de dezembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: deslocação até à Fundação Champalimaud para apresentação de novos projetos.

Dia 55 – 9 de dezembro

- Construção de peça sobre a Fundação Champalimaud.

Dia 56 – 10 de dezembro

- Acompanhamento de jornalista em reportagem: atribuição de novas viaturas à GNR.

Dia 57 – 11 de dezembro

- Redação de breves.

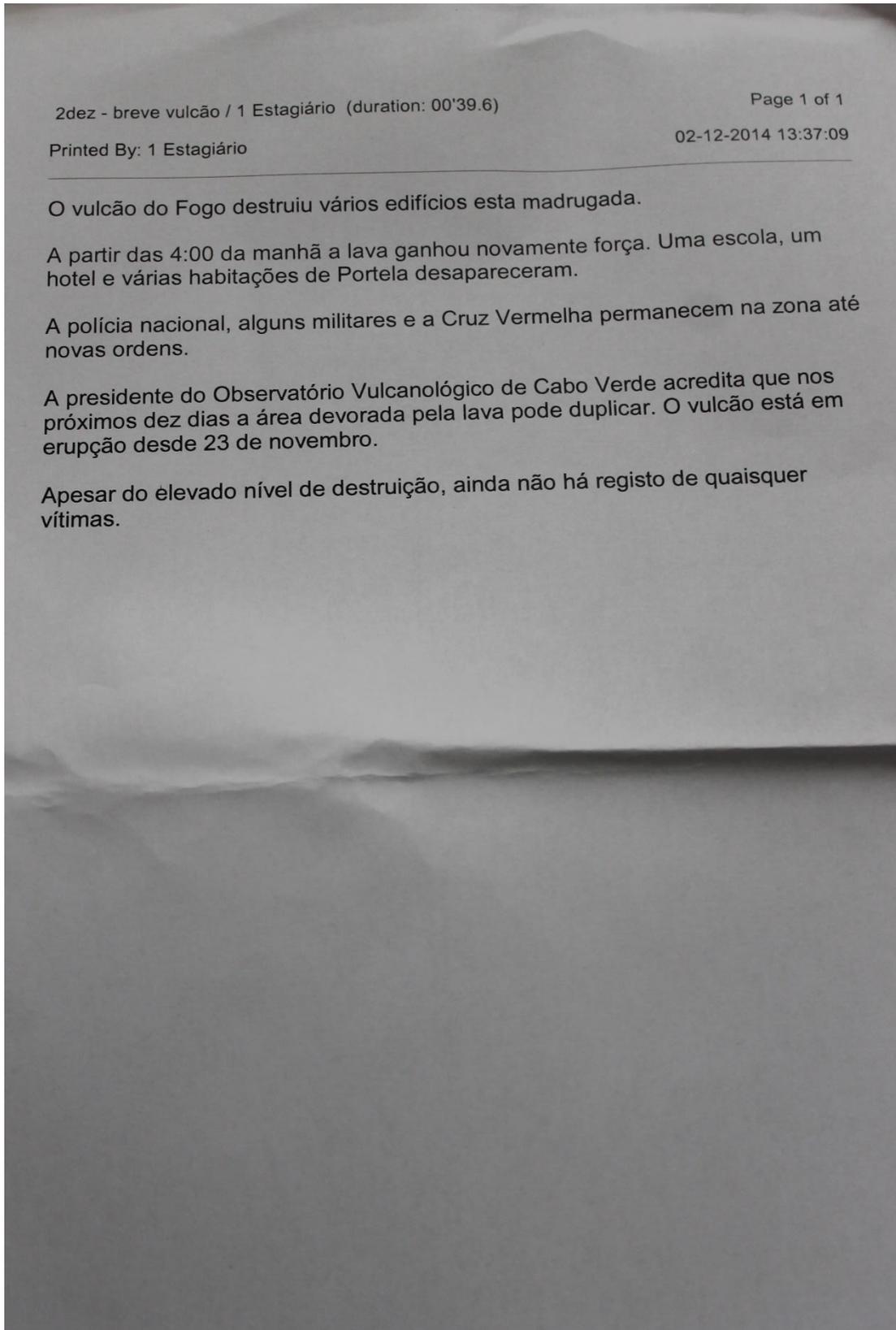
Dia 58 – 15 de dezembro

- Construção e gravação de peça criativa;
- Audição da locução da mesma.

Jornalismo sem jornalistas
A sobrevivência de uma profissão

ANEXO II

Exemplos de trabalho realizado



New Story 1 (duration: 01'20.2)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

30-09-2014 13:43:32

Os protestos continuam em Hong Kong. Aquela que ficou conhecida como a "revolução dos guarda-chuvas" leva cada vez mais gente para as ruas.

O Governo chinês tinha já afirmado que os protestos são ilegais. Agora o chefe do executivo de Hong Kong vem a público dizer que a China não vai ceder às exigências do povo.

Z - INÊS - RM1 HONG KONG

ARQL 19593 002E86F7.w: 00'06.5 Record Date Kill Date : 30.

Os manifestantes querem que Hong Kong tenha mais liberdades democráticas. Atualmente, são as autoridades que escolhem os candidatos ao governo local. O chefe do executivo de Hong Kong defende que o método em vigor é justo e não vai ser alterado.

Z - INÊS - RM2 HONG KONG

ARQL 19593 002E86FD.w: 00'17.9 Record Date Kill Date : 30.

Milhares de pessoas continuam nas ruas de Hong Kong em protesto munidas de guarda-chuvas. Os manifestantes usaram-nos para se proteger do gás-pimenta e do gás lacrimogéneo lançados pela polícia.

Z - INÊS - TXT MARÃO / 1 Estagiário (duration: 01'48.2)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

24-09-2014 14:33:49

O secretário de Estado dos Transportes e Comunicações apresenta os números que provam que a rescisão dos contratos anteriores foi a melhor solução.

Z - INÊS - RM1 Marão

ARQL 19567 002E781E.sn 00'10.2 Record Date Kill Date : 24.

Mas o Governo estudou também uma versão mais otimista. Se o Estado ganhar judicialmente, os ganhos face à empresa anterior ainda são maiores.

Z - INÊS - RM2 Marão

ARQL 19567 002E781F.sn 00'15.3 Record Date Kill Date : 24.

A obra está três anos atrasada devido aos problemas que levaram à rescisão. Sérgio Monteiro diz que a anulação foi difícil.

Z - INÊS - RM3 Marão

ARQL 19567 002E7820.sn 00'21.9 Record Date Kill Date : 24.

As obras devem ser retomadas ainda este mês. O secretário assegura que as dificuldades estão ultrapassadas e que tanto as Estradas de Portugal como o Governo podem descansar.

Z - INÊS - RM4 Marão

ARQL 19567 002E7821.sn 00'12.3 Record Date Kill Date : 24.

Espera-se que o Túnel do Marão abra ao público no início de 2016.

Mais de metade das ligações de comboios não aconteceram esta madrugada devido à greve da CP.

O advogado de José Sócrates admitiu que as medidas de coação devem ser avançadas hoje.

Os advogados chegaram ao Campus da Justiça pelas 9h da manhã. José Sócrates começou a ser ouvido cerca de uma hora depois em mais um dia de interrogatório.

O ex-primeiro ministro encontra-se detido desde sexta-feira. Suspeita-se de crimes de corrupção, branqueamento de capitais e fraude fiscal.

A greve dos revisores e trabalhadores das bilheteiras dos Comboios de Portugal está a abrandar o país.

As principais bilheteiras estão hoje encerradas, segundo adianta o Sindicato Ferroviário da Revisão Comercial Itinerante.

Apenas estão garantidos os serviços mínimos. A CP assegura a circulação dos comboios de longo curso mas quase não há comboios urbanos.

Lisboa e Porto são as zonas mais afetadas. Só estão previstas menos de metade das ligações. Até às 6h da manhã de hoje, apenas circularam 27 dos 63 comboios previstos.

O cante do Alentejo quer ser Património Cultural Imaterial da Humanidade. As reuniões para decidir a classificação começam hoje.

22 intérpretes estão a caminho de Paris para atuar e conhecer a decisão.

A iniciativa é da Câmara Municipal de Serpa. Na candidatura, lê-se "um canto coletivo, sem recurso a instrumentos e que incorpora música e poesia".

Antigamente, quem se dedicava ao cante alentejano eram as classes

trabalhadoras. Nos seus temas, falavam sobretudo do amor à terra em que tinham nascido.

A decisão da UNESCO vai ser conhecida ainda esta semana.

O primeiro-ministro de Cabo Verde admite pedir ajuda internacional depois do vulcão da Ilha do Fogo ter entrado ontem em erupção.

Os habitantes de Chã das Caldeiras, no sopé do vulcão, receberam instruções para abandonar as casas.

Mas muitos recusaram-se a fazê-lo com medo que lhes roubassem os pertences. Foi o que aconteceu quando o vulcão entrou em erupção em 1995.

Por não ser a primeira vez que vivem uma erupção vulcânica, os habitantes estão a lidar com a situação com calma.

O mau tempo está a limitar as navegações em Portugal.

A barra marítima de Esposende está hoje fechada a toda a navegação e em Póvoa do Varzim, Aveiro, Figueira da Foz e Vila do Conde as barras estão condicionadas.

Na região norte, o Instituto Português do Mar e da Atmosfera prevê para hoje céu muito nublado, aguaceiros dispersos e vento moderado.

New Story 3 (duration: 04'35.8)

Page 1 of 3

Printed By: 1 Estagiário

22-09-2014 14:43:39

PREVÊ-SE QUE 60%
DOS VOOS DA AIR FRANCE SEJAM
CANCELADOS ^{MARCADOS P/ HOJE} HOJE POR CAUSA DA GREVE DE PILOTOS.

ESTUDANTES ESTRANGEIROS RENDEM À UNIVERSIDADE DE COIMBRA UM MILHÃO DE EUROS. MAS O NÚMERO DE CANDIDATOS ESTÁ AQUÉM DAS EXPECTATIVAS.

EX-ALUNOS PORTUGUESES APROVEITAM BOLSAS DE ESTUDO PARA ACABAR CURSOS. O PROGRAMA RETOMAR TEM JÁ QUASE 200 CANDIDATOS.

Portugal está novamente sob aviso amarelo.

A chuva forte e a trovoada mantêm-se. 17 distritos estão sob aviso amarelo até logo à noite, o terceiro mais grave numa escala de quatro.

O Instituto Português do Mar e da Atmosfera avança que o mau tempo vai continuar durante toda a semana. Só no domingo espera melhorias significativas.

Várias localidades do país têm sofrido inundações. As zonas norte e centro são as mais afetadas.

A greve dos pilotos da Air France continua a provocar o cancelamento de voos.

Quatro ligações entre Lisboa e Paris agendadas para hoje não aconteceram.

A companhia Air France já tinha alertado para o cancelamento de quase 60% dos voos desta segunda-feira.

O fracasso das reuniões entre a direção e os trabalhadores levou ao prolongamento da paralisação.

A administração da Air France diz que cada dia de greve se traduz num prejuízo até quinze milhões de euros.

A Universidade de Coimbra vai ter uma receita adicional de um milhão de euros neste ano letivo.

O dinheiro vem das propinas dos alunos ao abrigo do Estatuto do Estudante Internacional. 140 chegam este ano a Coimbra. Para eles, as propinas são de sete mil euros.

O valor baseia-se no custo real do curso por aluno. Os limites máximos fixados pelo Estado para propinas não se aplicam.

Mas nem todos estão satisfeitos. Quando o estatuto foi publicado em março vários estudantes uniram-se em protesto contra o valor.

Foram abertas cerca de 7000 vagas para o ensino público em todo o país. O privado teve direito a 3000. Mas as candidaturas foram reduzidas.

As universidades apontam como razão a falta de tempo para se promoverem no estrangeiro. No próximo ano vão lançar campanhas para atrair estudantes. Os principais alvos são a China e o Brasil.

E enquanto os estrangeiros pagam cada vez mais propinas, os portugueses aproveitam as bolsas para terminar os estudos.

Lançado este ano, o programa Retomar destina-se a todos os ex-alunos em condições de acabar o curso antes dos 30 anos.

O gabinete do secretário de Estado do Ensino Superior adianta que há já quase duzentas candidaturas. Mas existem também cerca de 2000 registos feitos na página da Direção Geral do Ensino Superior a aguardar conclusão.

O Governo estabeleceu um limite de 3000 bolsas anuais, no valor de 1200 euros cada.

As candidaturas podem ser submetidas até ao final do mês.

New Story 3 (duration: 04'35.8)

Page 3 of 3

Printed By: 1 Estagiário

22-09-2014 14:43:39

Os números de vítimas de sarampo em Angola continuam a chocar. Só em 2013 morreram mais de 300 pessoas.

Numa ação preventiva, o Ministério da Saúde de Angola inicia hoje uma campanha de vacinação em todo o país.

Nas próximas duas semanas, onze milhões de crianças com menos de dez anos vão ser vacinadas.

A Organização Mundial da Saúde avança que Angola é um dos poucos países que ainda regista epidemias de sarampo.

Terminou o recolher obrigatório de três dias em Serra Leoa.

As autoridades asseguram que se pode agora regressar à normalidade. A iniciativa foi um sucesso.

Durante o recolher, foram identificados mais de vinte novos casos na capital e foram sepultados entre 60 a 70 corpos.

Ao longo dos três dias, foi também realizada uma campanha de sensibilização. 30 mil voluntários andaram de casa em casa para explicar a doença.

Os voluntários estiveram também a distribuir cerca de um milhão e meio de barras de sabão. O objetivo é mostrar a importância da higiene na prevenção da doença.

Em Serra Leoa contam-se já mais de 550 casos de vítimas mortais.

New Story 2 (duration: 01'22.4)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

19-09-2014 12:21:05

Os portugueses querem deixar as grandes cidades.

É o que conclui o estudo desenvolvido pela empresa Bloom Consulting sobre as tendências migratórias nos centros urbanos.

Mais de metade dos inquiridos nunca residiu noutra lugar. Mas estes cidadãos gostariam - agora ou mais tarde - de viver num ambiente rural.

O custo de vida elevado é uma das principais razões apontadas para abandonar a cidade. Também o estilo de vida cidadão e a poluição em geral pesam na ~~hora~~ ^{hora} de mudança.

Os portugueses anseiam pela proximidade com a natureza que não encontram nos grandes centros urbanos.

Mas os dados variam. Em Lisboa, 66% dos inquiridos quer sair da cidade. No Porto, os cidadãos parecem mais satisfeitos e apenas 47% tenciona mudar para o meio rural.

Os lisboetas queixam-se do ^{trânsito} (congestionamento) automóvel. No Porto, aqueles que querem migrar não gostam do estilo de vida a que a cidade obriga. A chegada da reforma é ponto assente nos dois centros como razão para uma eventual mudança.

A Bloom Consulting acredita que os resultados traduzem uma inversão da tendência da antiga migração rural para uma onda de migração urbana.

Anthímio de Azevedo / 1 Estagiário (duration: 01'25.9)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

24-11-2014 13:28:32

Na década de '60 algumas crianças acreditavam que havia alguém que controlava a chuva, o vento e o sol. Anthímio de Azevedo era o "senhor do tempo". De ponteiro na mão e ainda a preto e branco, explicava os fenómenos meteorológicos.

z - inês - anthímio

R'M 19847 002F17B8.wz 00'10.0 Record Date Kill Date : 23.

Anthímio de Azevedo tinha a capacidade de fazer com que ciclones, depressões e massas de ar parecessem coisas simples.

Nascido em Ponta Delgada, em 1926, formou-se em Ciências Geofísicas em Lisboa. Especializou-se em Meteorologia.

Teve um longo percurso profissional em duas instituições que levariam à criação do Instituto Português do Mar e da Atmosfera. Foi diretor do Serviço Meteorológico da Guiné e do Serviço Regional dos Açores, entre outros cargos.

Entre 1964 e 1990, com alguns intervalos, foi companhia de jantar dos portugueses, no canal 1. Mais tarde, apresentou também o boletim meteorológico da TVI.

Depois de se aposentar, o "senhor do tempo" escreveu e traduziu livros ligados à meteorologia.

Para o Instituto Português do Mar e da Atmosfera, a sua morte "deixa a meteorologia nacional de luto".

peça criativa 3 / 1 Estagiário (duration: 02'12.5)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

15-12-2014 12:39:50

rm1 - disney

R'M 19946 002F5030.ws 00'10.4 Record Date Kill Date : 17.

A casa do rato Mickey é a Companhia Walt Disney. O seu fundador morreu há 48 anos. São quase cinco décadas sem o homem que trouxe de volta a magia dos finais felizes.

rm2 - disney

R'M 19946 002F504B.ws 00'22.1 Record Date Kill Date : 17.

Nascido em 1901, Walt Disney começou a estudar arte desde cedo. Daí até conseguir criar a sua própria empresa não demorou muito. Em 1928, a companhia lança a primeira animação com som - Steamboat Willie.

rm3 - disney

R'M 19947 002F5072.ws 00'11.3 Record Date Kill Date : 17.

Depois de ~~um~~ Mickey a assobiar num barco a vapor, Disney produz em 1932 Flores e Árvores. É a primeira curta a cores e também a primeira animação a merecer um óscar. Mais tarde, foi também o primeiro a arriscar uma longa-metragem. Foi assim que, em 1937, chegou a Branca de Neve.

rm4 - disney

R'M 19946 002F505D.ws 00'20.9 Record Date Kill Date : 17.

Depois do êxito da mais bela do reino, os sucessos somaram-se. E mesmo depois da morte do pai da animação, a 15 de dezembro de 1966, a magia continuou.

A prova disso é Big Hero 6, o novo filme que estreia esta semana. E que vem lembrar que os sonhos se podem tornar realidade.

ANEXO III
Temas acompanhados

Governo garante que não fica a perder com novos contratos sobre Túnel do Marão

Publicado a 23 SET 14 às 14:18

O secretário de Estado dos Transportes acredita que poderá poupar 920 milhões de euros com estes contratos caso ganhe a disputa judicial que tem com os anteriores parceiros privados com quem rescindiu.

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **Reportagem de Rita Costa com declarações de Sérgio Monteiro sobre os contratos acerca do Túnel do Marão**

O Governo entende que não fica a perder com os novos contratos assinados esta terça-feira com a Estradas de Portugal para a conclusão do Túnel do Marão, mesmo no pior dos cenários, garantiu o secretário de Estado dos Transportes.

Segundo Sérgio Monteiro, as poupanças para o Estado poderá chegar aos 920 milhões de euros com estes novos contratos caso o Estado ganhe a disputa judicial que tem com os anteriores parceiros privados com quem rescindiu.

Pelas contas do secretário de Estado dos Transportes, se o Estado recuperar os 200 milhões em disputa e se se adicionar o custo financeiro desta verba ao longo de 30 anos será este o valor da poupança.

Por outro lado, se o Estado perder a disputa judicial que tem com os anteriores parceiros privados com quem rescindiu e não recuperar os 200 milhões de euros a poupança será de 660 milhões de euros.

Após uma rescisão difícil, algo que aconteceu pela primeira vez em cem anos, Sérgio Monteiro adiantou que o Governo quis evitar embaraços e soluções atabalhoadas, tendo por isso esperado pela "luz verde" do Tribunal de Contas.

«Não há nada pior do que a situação de se avançar com a obra antes do visto do Tribunal de Contas e depois o Tribunal de Contas ter uma opinião diferente, as obras param, os sobrecustos amontoam-se e os embaraços nas relações entre o público e o privado também vão crescendo», explicou.

Com o visto prévio do Tribunal de Contas para esta obra, o recomeço dos trabalho está previsto para até ao fim de setembro, devendo as obras estarem concluídas no final de 2015. O túnel deverá abrir no início de 2016

Afonso Reis Cabral, 24 anos, vence Prémio LeYa

Publicado a 17 OUT 14 às 13:04



O romance "O meu irmão", de Afonso Reis Cabral, trineto de Eça de Queirós, é o vencedor do Prémio LeYa de Literatura, no valor de 100 mil euros.

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **Reportagem de Rita Costa com as declarações de Manuel Alegre, presidente do júri.**

O autor premiado tem 24 anos e, segundo o próprio que esteve presente na cerimónia do anúncio, é trineto do escritor Eça de Queiroz.

Na sessão de anúncio, o presidente do júri, Manuel Alegre, disse que o livro «trata de um tema delicado que podia suscitar uma visão sentimental vulgar: a relação entre dois irmãos, um deles com Síndrome de Down».

O júri salientou que a realidade foi «trabalhada de uma forma objetiva e com a violência que estas situações humanas podem desenvolver» e que o romance faz «um retrato social que evita tomadas de decisão fáceis, obrigando a um investimento numa leitura que nos confronta com a dificuldade de um mundo impedoso».

Afonso Reis Cabral nasceu em Lisboa, cresceu e estudou no Porto até ao ensino secundário. Em 2005 publicou o livro de poemas "Condensação", escrito entre os 10 e os 15 anos.

Atualmente a trabalhar na editora Alethêia, o vencedor é licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade Nova de Lisboa, onde fez também um mestrado de Estudos Portugueses.

Ao Prémio Leya de Literatura concorreram 361 originais de autores de 14 países.

Além de Manuel Alegre, o júri integrou ainda os escritores Nuno Júdice, Pepetela e José Castello, assim como José Carlos Seabra Pereira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lourenço do Rosário, reitor do Instituto Superior Politécnico e Universitário de Maputo, e Rita Chaves, professora da Universidade de São Paulo.

No ano passado, o galardão distinguiu, pela primeira vez, uma mulher, Gabriela Ruivo Trindade, de 43 anos, portuguesa residente no Reino Unido, pelo romance "Uma outra Voz".

O primeiro vencedor do Prémio LeYa, em 2008, foi o romance "O Rastro do Jaguar", do jornalista brasileiro Murilo Carvalho.

Em 2009 venceu o romance "O Olho de Hertzog", do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, na edição de 2010 o júri decidiu, por unanimidade, não atribuir o Prémio LeYa dada a falta de qualidade dos originais a concurso, em 2011 foi distinguido o romance "O Teu Rosto Será o Último", estreia literária do português João Ricardo Pedro, e em 2012 venceu o português Nuno Camarneiro, com o romance "Debaixo de Algum Céu"

Afonso Reis Cabral/ Prémio LeYa: «Inspirei-me na minha vida»

Publicado a 17 OUT 14 às 17:48
Álvaro Isidoro/ Global Imagens



Afonso Reis Cabral, vencedor do Prémio LeYa de Literatura, diz que só escreve sobre o que sabe e não gosta de pensar que a genética é a responsável pela sua escrita.

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **Trineto de Eça de Queiroz, Afonso Reis Cabral diz que, apesar de ser importante, a influência do escritor não foi determinante**
- **O vencedor do Prémio LeYa conta que se inspirou na sua própria vida**
- **Para Afonso Reis Cabral este prémio é uma honra**

Trineto de Eça de Queiróz, Afonso Reis Cabral afirma que esta ligação familiar não foi uma influência determinante, o escritor é uma inspiração como seria para qualquer outra pessoa.

Foi com o romance "O meu irmão", que venceu o Prémio LeYa de Literatura, no valor de cem mil euros. O escritor diz que é uma enorme honra receber este prémio e conta que a obra distinguida teve como fonte de inspiração a sua própria vida.

Afonso Reis Cabral tem 24 anos, nasceu em Lisboa, cresceu e estudou no Porto até ao ensino secundário. Em 2005 publicou o livro de poemas "Condensação", escrito entre os 10 e os 15 anos

Presidente da TAP diz que greves são «traição aos passageiros»

Publicado a 29 OUT 14 às 12:26

Uma «traição aos passageiros». É desta forma que Fernando Pinto, o presidente da TAP, fala das greves na companhia aérea. Numa entrevista à TSF, o gestor admite que a transportadora estaria em melhores condições se não fossem as greves.

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **Fernando Pinto, entrevistado pela jornalista Rita Costa, considera que as greves são «traição» aos passageiros**
- **Fernando Pinto entrevistado por Rita Costa (entrevista na íntegra)**

Fazendo o balanço dos 14 anos à frente da companhia, Fernando Pinto considera que «os pontos negativos são sempre as paralisações». Para o gestor, «num mercado competitivo», não devem ser feitas greves: «nos dias de hoje», frisa, uma situação dessas só deve acontecer «no limite do limite».

Fernando Pinto faz notar que é «muito difícil uma empresa sobreviver num mercado extremamente disputado trazendo disrupções desse tipo para o cliente». Por isso, conclui «os problemas têm que ser resolvidos dentro de casa».

Na véspera de mais uma greve, que desta vez foi convocada pelo sindicato do pessoal de voo da aviação civil, o gestor que hoje recebe o Prémio Carreira considera que «o passageiro tem que ter confiança na empresa» e «de cada vez que é traído por ela», é difícil o retorno: «Essa traição ao passageiro paga-se», atira.

Bruxas à solta para dar força aos negócios

Publicado a 31 OUT 14 às 11:31

Os comerciantes das avenidas Almirante Reis (Arroio) e de Roma (Areeiro), em Lisboa, vão aproveitar o Dia das Bruxas, esta sexta-feira, para promover os seus negócios, com estabelecimentos abertos até à meia-noite e atividades "assustadoras".

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **A jornalista Rita Costa já foi ver como decorrem os preparativos de Halloween.**

No caso da Almirante Reis, a avenida estará encerrada à circulação automóvel, entre a Avenida Pascoal de Melo e a Rua Eduardo Brasão, entre as 19:00 e as 24:00.

Durante esse período, vão por ali passar músicos, ginastas, DJ, bruxas e artesãos.

Destacam-se também as atividades para crianças, como a pintura com chocolate, a caça ao tesouro, a oferta de livros infantis e uma gincana.

A cada um dos cerca de 50 estabelecimentos aderentes a esta "noite assustadora", caberá fazer a sua promoção e decoração.

Já no eixo que engloba as avenidas de Roma, Guerra Junqueiro, João XXI e de Paris, bem como a Praça de Londres, pretende-se fazer «o maior desfile de máscaras alguma vez realizado em Portugal dedicado à Noite das Bruxas, com milhares de participantes encarnando vampiros, zombies, lobisomens e bruxas», segundo a organização.

A "Halloween Parade" inicia-se às 21:00 na Avenida de Roma (junto à linha do comboio), e prossegue para a Praça de Londres, terminando na Avenida Guerra Junqueiro, onde às 23:00 serão anunciados os vencedores.

O trânsito estará cortado nestes locais, assinalou Carlos Moura-Carvalho, representante dos comerciantes.

De acordo com o também proprietário de uma mercearia, as lojas vão estar abertas até à meia-noite e a praticar 20% de desconto em produtos e serviços.

Ao todo, serão mais de 150 estabelecimentos situados nestas avenidas e ruas paralelas, aos quais se juntarão associações e estabelecimentos de ensino (escolas secundárias e universidades), para participar no desfile.

Na Avenida João XXI haverá ainda um mercado de artesanato, com cerca de dez 'barracas' de doces e bijuteria.

«Para o ano, se correr bem, estamos a pensar fazer o mesmo», adiantou Carlos Moura-Carvalho.

Tanto em Arroios, como no Areeiro, as iniciativas são apoiadas pelas respetivas Juntas de Freguesias.

Contam também com o contributo da associação Maluquinha de Arroios, da União das Associações de Comércio e Serviços (em Arroios) e ainda da coletividade dos Comerciantes da Avenida Guerra Junqueiro, Praça de Londres e Avenida de Roma (no Areeiro).

Fundação Champalimaud vai construir Centro de Cirurgia e terá internamento

Publicado a 05 DEZ 14 às 15:54

A Fundação Champalimaud vai avançar com a construção de um Centro de Cirurgia e irá passar a ter também capacidade para internamento. Serão quarenta as camas disponíveis.

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **A presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza, explicou à jornalista Rita Costa como será o novo Centro Cirúrgico**

Estes novos serviços estão reservados a doentes com subsistemas de saúde ou seguros privados (uma vez que a Fundação continua sem acordo direto com o Serviço Nacional de Saúde).

Leonor Beleza, a presidente da Fundação, explica que são internamentos de curta duração, porque mantém-se a filosofia de retirar o menos possível da vida normal os doentes oncológicos.

O Centro Cirúrgico da Fundação Champalimaud deve ficar concluído em 2016. O investimento ronda os 10 milhões de euros.

ANEXO IV
A TSF na imprensa

Breve história das rádios piratas

K.G.

24/12/1998 - 00:00

Como os corsários dos velhos mares do Sul, as rádios piratas tomaram de assalto as ondas do éter radiofónico nos anos 80. E a 24 de Dezembro de 1988, há exactamente dez anos, o som de centenas de rádios tornou-se silêncio. O processo de legalização obrigou-as a calar os microfones, desactivar os emissores e fechar as portas, para regressar dois meses e meio depois com o ambicionado alvará. Foi o nascimento de rádios como a TSF, mas nem todas fazem parte de uma história de sucesso. Dez anos depois, o PÚBLICO lembra o que se passou e o que resta do processo.

A primeira imagem que surge quando se fala de rádios piratas (também conhecidas como "livres" ou "alternativas") é geralmente a de um punhado de "viciados em rádio", quase todos amadores, muitos deles jovens, a recolherem os discos de vinil, os jurássicos gira-discos, e a transformarem uma simples caixa de bolachas metálica e meia dúzia de componentes eléctricos num emissor FM. Assim começou o editor de antena da TSF, Luís Proença, 28 anos. As férias de Verão numa aldeia a 50 quilómetros de Lisboa em 1986 serviram de cenário ao encontro de três amigos - "um grupo de putos, creio que o mais velho tinha 17 ou 18 anos", lembra - que montaram um emissor de FM com uma potência de dois watts, "uma coisa ridícula", mas que serviu de pontapé de saída para um reencontro, pouco tempo depois, em Benfica. "Comprámos equipamento, fizemos uma mesa de mistura de madeira, cada um levou um gravador de cassetes, um gira-discos, fomos juntando peças velhas..." Nascia a Rádio Som Livre. "Deixámos de ser uma rádio a brincar e passámos a ser uma rádio verdadeiramente pirata, comprámos uns emissores de 200 watts que custavam na altura 200 contos", recorda. O financiamento foi assegurado por um conjunto de três paróquias de Benfica, para além da própria freguesia de São

Domingos de Benfica. "Nós considerávamos que tínhamos direito a toda a liberdade de expressão. Houve uma primeira vez que nos advertiram para a leitura de um poema autobiográfico do Bocage, que continha algumas palavras do calão. Depois disso, mais do que insinuar, proibiram-nos de passar música do Zeca Afonso e do Sérgio Godinho, de cariz revolucionário. Foi o caldo entornado. Reunimo-nos, escrevemos 'Adeus Auschwitz' numa série de papéis, colámo-los nas paredes e viemo-nos embora", lembra Luís Proença. A história das rádios piratas remonta a 1977, quando as estações Juventude e Improvisto começam a transmitir regularmente em FM. A década de 80 mal tinha começado quando a imprensa começa a dar conta das emissões clandestinas de rádios como a Livre Internacional, emitida a partir de Lisboa. A Rádio Caos, no Porto, juntou-se ao grupo das pioneiras e em breve o território português estava coberto por um sem-número de rádios autodesignadas "Clube", "Atlântico", "Livre" e "Voz". "Tenho saudades desse tempo", confessa António Colaço. "Comecei na Rádio Antena Livre, em Abrantes, que foi a capital de todas as transgressões", diz. "Fizeram-se aqui, pelo menos, três encontros à escala nacional de todas as rádios do país. Os encontros de Abrantes ganharam muito protagonismo, não havia rádio que não passasse por aqui, chegámos a trazer cá deputados." Talvez por culpa do protagonismo, os serviços fiscalizadores começam a apertar o cerco. "Decidimos ir para um monte algures no concelho de Abrantes, com moinhos de vento abandonados. Instalámos lá o equipamento todo e estivemos hora e meia no ar, sabendo que a fiscalização andava aqui no concelho. A emissão terminou com o meu filho, que na altura tinha uns dois ou três anos, a desejar boas férias aos fiscais e a dizer 'A noite ainda é uma criança'", lembra. Fartas de esperar pelas câmaras da RTP ou pelo microfone da RDP ou da Renascença, as estações locais como a Antena Livre de Abrantes nasceram da "vontade de ser a voz das pessoas, que não se contentavam com o minuto que as rádios nacionais dispensavam" às suas comunidades "quando havia desgraças". As cheias que fizeram subir as águas do Tejo em 1983 foram, literalmente, a gota de água. "Foi o

grande impulso para criar uma rádio que estivesse ao dispor da comunidade", segundo António Colaço. Se é indiscutível que as estações locais "trouxeram uma rádio de proximidade", outras houve que nasceram da insatisfação dos profissionais de rádio para com o seu trabalho nas difusoras nacionais (RDP, Comercial e Renascença). "Eram emissoras demasiado burocratizadas, politizadas e governamentalizadas", recorda Henrique Garcia, jornalista da RTP, que então trabalhava na emissora nacional e surgiu, mais tarde, à frente da Radiogeste, um projecto que reuniu nomes como José Eduardo Moniz, Adriano Cerqueira, Fernando Pessa, Raul Solnado, João Alfacinha da Silva e Rui Paulo da Cruz e que, associado ao grupo PEI, liderado por Joe Berardo, sobreviveu até 1993. "O projecto teve dois problemas: além da Radiogeste, o grupo começou a meter-se na imprensa, com a revista 'Sábado', o 'Record', 'O Tempo', 'O Liberal', cresceu por aí fora e começou a estruturar um projecto de televisão. O orçamento da Radiogeste acabou por ser infinitamente inferior ao das outras actividades do grupo; além disso, a Radiogeste talvez tivesse sido um equívoco. Enquanto a TSF se assumiu, desde logo, como uma rádio de notícias, a Radiogeste procurava ser uma mistura entre as duas coisas, uma ideia que não estava clara dentro do grupo", explica Henrique Garcia. A TSF ocupa, de resto, o capítulo principal no processo de legalização das rádios piratas. A cooperativa de profissionais de rádio, "independente dos poderes político, económico e religioso", começa a dar os primeiros passos no início dos anos 80. "Já em 1981, há uma primeira emissão pirata da TSF, com o propósito de tentar quebrar o gelo que estava instituído e de liberalizar a rádio em Portugal", recorda Luís Proença. "Criou-se uma espécie de caldo de cultura que levou a que a TSF tivesse nascido como nasceu. Uma parte dos seus fundadores são pessoas que vieram em 1975 e 1976 de Angola, onde a rádio tinha um peso muito maior do que em Portugal e estava mais desenvolvida. Muitos deles continuavam a trabalhar na rádio, estavam na RDP, nomeadamente o Emídio Rangel, o David Borges, o Fernando Alves, o António Macedo, e cruzaram-se aqui com pessoas que também

defendiam modelos de rádio mais modernos e arrojados", conclui. Tomando a linha da frente no protesto contra a decisão governamental de silenciar as rádios locais, a TSF "marcou uma grande viragem na rádio em Portugal", segundo Arons de Carvalho, "porque trouxe a informação não governamentalizada, a rapidez, a informação em cima do acontecimento, com muitos directos". "Hoje penso que a TSF é um fenómeno nacional indiscutível", diz Henrique Garcia. "Acho que a TSF veio revolucionar a forma como se encarava, não apenas a rádio, mas o jornalismo em geral", afirma por seu lado Luís Proença.

TSF cria Prémio Emídio Rangel

Publicado a 09 SET 14 às 09:50

O diretor da TSF Paulo Baldaia anunciou hoje, na cerimónia de apresentação da nova grelha de programas, a criação de um prémio de jornalismo em homenagem ao fundador desta rádio, Emídio Rangel.

[Enviar por email](#) [Link](#)

- **O diretor da TSF Paulo Baldaia anuncia o Prémio Emídio Rangel**
- **O jornalista da TSF Fernando Alves explica a ideia deste tributo a Rangel**
- **Ana Rangel, filha de Emídio Rangel, diz que ficou emocionada com a iniciativa**

O prémio vai distinguir trabalhos feitos pelas rádios locais, universidades e lusofonia.

O júri será presidido por Ana Rangel, filha do fundador da TSF, e será anunciado anualmente no final de fevereiro, data em que se assinala o aniversário da rádio. Fazem parte também do júri Fernando Alves e Paulo Baldaia.

Emídio Rangel, fundador da TSF e antigo diretor-geral da SIC e da RTP, morreu no dia 13 de agosto, aos 66 anos.

A TSF FAZ 20 ANOS

TSF: Um projecto que quer continuar a ir "ao fim da rua e ao fim do mundo"

ANA MACHADO

29/02/2008 - 09:57



Para o director da rádio, "hoje, como há 20 anos, tudo o que se passa, passa na TSF" RUI GAUDÊNCIO

"Hoje, como há 20 anos, tudo o que se passa, passa na TSF". Quem o garante é Paulo Baldaia, o director da rádio que hoje completa duas décadas de existência. Recém-chegado, Paulo Baldaia ocupou em Janeiro a cadeira deixada por José Fragoso. Mas não herdou só a cadeira de director. Herdou todo o trabalho de organização das comemorações dos 20 anos da estação. Hoje é dia de soprar as velas.~

"Este é o maior desafio da minha vida de jornalista e tenho muito orgulho do convite que me foi feito. Tenho a melhor redacção do mundo. Reagem muito bem a um acontecimento", lembra como na noite do atentado a Ramos Horta e Xanana Gusmão, no passado dia 11. "De repente tinha seis pessoas na rádio, de madrugada".

Baldaia vive os últimos dias a correr. "Não é

todos os anos que conseguimos celebrar", diz, sobre a efeméride que só acerta na data de quatro em quatro anos, maldição de quem nasce a 29 de Fevereiro.

Há 20 anos Emídio Rangel, um dos fundadores da TSF, inaugurava a emissão, um minuto antes das sete da manhã, com uma declaração de intenções sobre o que ia ser a nova rádio que queria romper com o modelo instituído, de rádio e de jornalismo, em Portugal. Depois o arranque das notícias era dado por Francisco Sena Santos: Paz no fisco durante três meses"... Nascia a primeira rádio dedicada 24 horas por dia, sete dias por semana, à informação. Hoje, como há 20 anos, a declaração de Emídio Rangel volta a ouvir-se à mesma hora.

"Fizemos a diferença há 20 anos. Houve um momento em que até a comunidade política teve de se adaptar à TSF", conta Baldaia sobre uma maneira de fazer jornalismo que a rádio em directo inaugurou. "Mas isso foi há 20 anos e não vai voltar a acontecer. Hoje é preciso saber chamar as pessoas certas à antena, cativar novas audiências, novas gerações. Temos de nos adaptar", defende enquanto dava ordens e responde a dúvidas sobre os preparativos da festa.

Para Paulo Baldaia os 20 anos da TSF encontram não só uma rádio mas um *site* e o papel da Internet no projecto não pode ser ignorado: "A audição de rádio na net está a crescer de dia para dia, tem de se melhorar a produção de informação no *site* e saber quem podemos ir buscar para nos ouvir. Hoje o país não é o mesmo. É certo que fizemos uma grande revolução e temos de honrar a nossa história. Somos líderes na informação de rádio e líderes na rádio entre a classe A e B. Mas temos de olhar em frente."

Apesar de já se ter falado muito da rádio como

um meio em declínio, Paulo Baldaia acha que a rádio tem ainda muito para dar: "Olho com muito optimismo para o futuro, tenho uma visão positiva do meio ."

O dia de hoje

E conta como vai ser o dia de hoje na TSF, um dia que se quer que seja especial. "Vamos lembrar o que acontecia em 1988, como o congresso da UGT ou a telenovela brasileira que passava - o Roque Santeiro, que celebrizou a personagem de "Sinhozinho Malta (Lima Duarte) e a "Viúva Porcina" (Regina Duarte)."

João Paulo Baltazar coordena uma grande reportagem sobre a história da TSF, feita pelo elemento mais novo da redacção da rádio, a jornalista Joana Dias.

Está também marcado um debate que junta à mesma mesa os cinco directores que a TSF conheceu até hoje. Paulo Baldaia é o mais novo. Emídio Rangel, David Borges, Carlos Andrade e José Fragoso são os convidados. O jornalista Carlos Vaz Marques modera.

Vão poder ouvir-se ainda, ao longo do dia, depoimentos de 20 personalidades sobre os últimos 20 anos, entre eles Durão Barroso, Cavaco Silva, Xanana Gusmão, José Saramago, Júlio Pomar ou Pinto Balsemão. "Vamos ter os depoimentos em vídeo no *site*."

E, para cumprir com um dos mais marcantes slogans da TSF - "Por uma boa história, por uma boa notícia, vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo" - vai estar um repórter no fim da rua, à beira Tejo, à conversa com António Costa, o presidente da Câmara de Lisboa. A conversa será

sobre o ordenamento da zona ribeirinha. No Porto o fim da rua é na baixa da cidade com uma visita guiada pelo presidente da Câmara Rui Rio. E vai estar outro repórter, o correspondente na América Latina Nuno Amaral, em Ushuaia, na Argentina, capital da província da Terra do Fogo, a cidade mais austral, conhecida precisamente como o fim do mundo.

Proença de Carvalho nas negociações de venda da Controlinveste

11 Outubro 2013, 10:55 por Jornal de Negócios | jng@negocios.pt



O advogado é apontado como futuro presidente da empresa que controla o "Diário de Notícias" e o "Jornal de Notícias". Proença de Carvalho reúne consenso junto de interesses angolanos e banca.

Daniel Proença de Carvalho está a tentar desbloquear o impasse nas negociações que levará à entrada de capital angolano na Controlinveste, empresa que detém o "Diário de Notícias", o "Jornal de Notícias" e a TSF.

A notícia está esta sexta-feira, 11 de Outubro, no "Correio da Manhã", a quem Proença de Carvalho desmentiu. No entanto, o **Negócios** sabe que o nome de Proença de Carvalho foi posto em cima da mesa pelos interesses angolanos, tendo merecido aprovação por parte dos bancos credores, **BCP** e BES.

Proença de Carvalho é mesmo apontado como futuro presidente da Controlinveste. O advogado já foi presidente da RTP. E recentemente deixou a presidência da Zon.

As negociações com Joaquim Oliveira para a nova estrutura accionista da Controlinveste estão longe do desfecho. O memorando de entendimento entre Oliveira e os bancos não deverá ser assinado nos tempos mais próximos.

Em causa está a passagem dos credores BES e BCP a accionistas e a entrada de António Mosquito, investidor angolano, no capital da Controlinveste. Na nova estrutura accionista entrará um investidor português, tendo sido noticiada a possibilidade de esse investidor ser Luís Montez.

Mosquito, Montez, BCP e BES são os novos accionistas da Controlinveste

CRISTINA FERREIRA

26/11/2013 - 17:56

Daniel Proença de Carvalho vai ser o novo presidente não-executivo do grupo de *media*.

- António Mosquito dá mais um passo na aquisição da Soares da Costa

O empresário angolano António Mosquito vai entrar no capital da área de *media* do grupo Controlinveste (*Diário de Notícias, Jornal de Notícias, O Jogo* e a rádio TSF) com uma posição de 27,5%, idêntica à de Joaquim Oliveira.

Para além dos empresários Joaquim Oliveira, que detinha 100% do Grupo *Media*, pertencente à Controlinveste, e de António Mosquito, a empresa vai contar com mais três accionistas: Luiz Montez, com 15%, e os dois bancos credores, BCP e BES, cada um com 15% do capital.

Mosquito (que também entrou no capital da [construtora Soares da Costa](#)) e Montez, da promotora de eventos Música do Coração e um dos donos da Meo Arena, surgem associados numa parceria estratégica. Do outro lado, vão estar Joaquim Oliveira (a Controlinveste tem a sua origem na Olivedesportos criada em 1984), o BCP (onde os capitais angolanos têm uma forte presença) e o BES.

As duas instituições credoras da Controlinveste terão pressionado o empresário português para chegar a um entendimento com Mosquito e Montez. A SportTV ficou de fora do negócio, mantendo-se na esfera de Joaquim Oliveira

Para além do *Jogo*, do *Diário de Notícias*, do *Jornal de Notícias*, e da TSF, o Grupo *Media* possui ainda o *Açoriano Oriental*, *Diário de Notícias da Madeira*, *Jornal do Fundão*, as revistas *Volta ao Mundo* e *Evasões*.

O acordo entre Oliveira, **Mosquito**, Montez, BCP e BES, foi celebrado esta terça-feira, em Lisboa, e envolve a reestruturação da dívida do Grupo *Media* aos dois bancos (transformação em capital), que ronda os 60 milhões de euros, e um aumento de capital, cujos detalhes continuavam ontem ao final da tarde por anunciar.

Será através desta operação que Mosquito e Montez vão concretizar a entrada no Grupo *Media*. O advogado Daniel Proença de Carvalho (que esteve à frente da administração da RTP) será o presidente não executivo da empresa, decisão que foi consensual entre as várias partes.

O negócio foi assessorado financeiramente pelo Banco Privado Atlântico, liderado por Carlos Silva, que é também administrador não executivo do BCP. Proença de Carvalho e Carlos Silva são ambos accionistas da Interoceânico, de capitais portugueses e angolanos, que detém uma posição no BCP.

ENCONTRO

Controlinveste reúne Conselho Estratégico

06 junho 2014



António Mosquito e Vítor Ribeiro, presidente da Comissão Executiva da empresa Fotografia © Gerardo Santos/Global Imagens

Nova estrutura acionista do grupo a que pertence o Diário de Notícias quer crescer no negócio dos *media* em Portugal e também no espaço da lusofonia.

O Conselho Estratégico da Controlinveste Conteúdos, grupo a que pertence o Diário de Notícias, reuniu-se para analisar os primeiros tempos de atividade depois de a estrutura acionista ter sido modificada com a integração dos empresários António Mosquito (na foto acompanhado do presidente da Comissão Executiva da empresa, Vítor Ribeiro) e Luís Montez e dos bancos BCP e BES.

Como já foi tornado público, António Mosquito e Joaquim Oliveira detêm cada um 27,5% da empresa que edita também os títulos JN e O Jogo e a rádio TSF, entre outros. Os restantes 45% do capital estão na posse de Luís Montez, BCP e BES, com 15% cada.

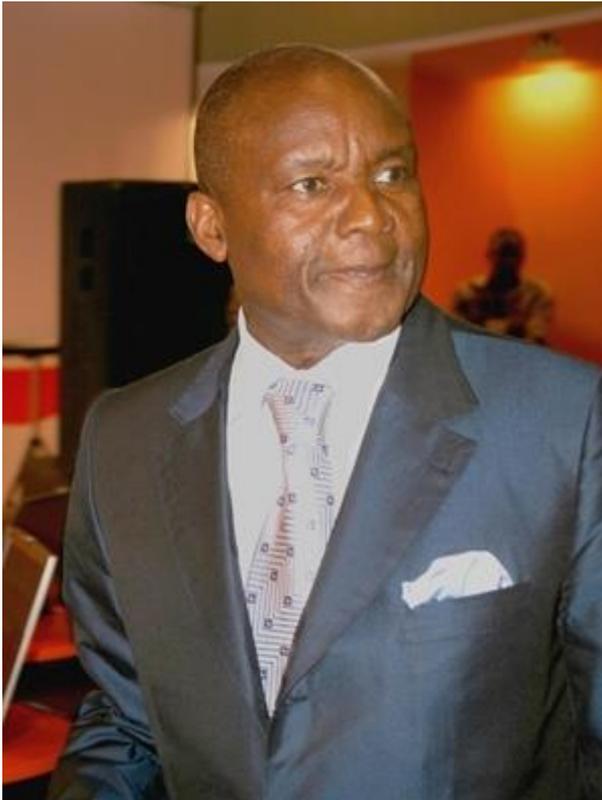
No Conselho Estratégico, presidido por Joaquim Oliveira, têm ainda assento, além de todos os acionistas, Daniel Proença de Carvalho (presidente do Conselho de Administração da Controlinveste) e Carlos Silva, líder do Banco Atlântico.

Na primeira reunião, por ser conjunta com o Conselho de Administração, estiveram ainda presentes Vítor Ribeiro e José Carlos Lourenço, administradores executivos, Rolando Oliveira e Jorge Carreira.

Quando da assinatura do novo acordo social da empresa foi referido, em comunicado, que este permite "um reforço considerável da estrutura de capitais do Grupo de *Media* da Controlinveste, assegurando a sua sustentabilidade financeira e estabelecendo os necessários alicerces à revitalização e relançamento da sua atividade".

Controlinveste passa a ser detida por angolanos e pode despedir 200 pessoas

04 Junho 2013, 09:12 por Jornal de Negócios *Online* | negocios@negocios.pt



O grupo Controlinveste, que detém os jornais “Diário de Notícias”, “Jornal de Notícias” e a rádio TSF, foi vendido a um fundo de capital de risco em que a maioria do capital pertence a um empresário angolano. Deverão ser dispensados 200 colaboradores.

A notícia é avançada na edição de hoje do jornal “i” e sublinha que o grupo de capital de risco, liderado pelo empresário angolano António Mosquito (na foto), ficará com 51% do capital da Controlinveste. Joaquim Oliveira, actual presidente do conselho de administração do grupo, [BCP](#) e BES deverão ficar com os restantes 49% do capital do grupo, ou seja, em minoria e sem capacidade de decisão.

O negócio já se arrastava há vários meses, liderado pelo BCP, que se assume como o maior credor do grupo desde 2005, altura em que a PT vendeu os jornais e a rádio a

Joaquim Oliveira. O dossiê Controlinveste era considerado um dos mais difíceis de resolver pelo banco. A solução teve de ser encontrada desde que o Estado entrou no capital do banco e conseqüente reestruturação imposta pela troika.

Segundo o “i”, para criar este fundo de capital de risco vai ser preciso vender activos a curto-prazo para amortizar a dívida do grupo, o que significa que jornais como o “Jornal de Notícias”, “O Jogo” ou a TSF poderão ser alienados. Já no “Diário de Notícias”, confrontado com quebras acentuadas nas vendas, o procedimento será outro: o jornal deverá ser alvo de uma profunda reestruturação que implicará a dispensa de muitos colaboradores.

O fundo de risco está a ponderar despedir um total de 200 colaboradores da Controlinveste, com a maioria do pessoal a pertencer ao “Diário de Notícias”. A actual direcção do diário, liderada por João Marcelino, também poderá ser substituída.

Angolanos reforçam na comunicação social em Portugal

A concretizar-se esta operação, os capitais angolanos reforçam ainda mais a sua presença nos principais grupos de média em Portugal. Actualmente, a [Cofina](#) (que detém o **Negócios** e o “Correio da Manhã”) já é participada em 15,08% pela Newshold, que também detém 1% da [Impresa](#) e ainda o semanário “Sol”. No ano passado, a Newshold manifestou a intenção de adquirir a RTP, caso a privatização fosse avante – mas não foi.

António Mosquito é um empresário que está ligado ao sector petrolífero e à distribuição automóvel, sendo o representante das marcas [Volkswagen](#) e Audi, de acordo com o “i”. Em 2007 esteve ligado à operação de entrada da CGD em Angola.

NOTÍCIAS RELACIONADAS

- **Quem é o empresário angolano António Mosquito?**
- **Proença de Carvalho nas negociações de venda da Controlinveste**

MEDIA

Despedimentos na TSF não vão abranger jornalistas

03 junho 2009  [Comentar](#)

O processo de reestruturação em curso na TSF, que implica a extinção de postos de trabalho, não deverá abranger jornalistas, disse hoje à Lusa o presidente do Sindicato dos Jornalistas.

“O Sindicato está a acompanhar a situação com preocupação, mas a informação que neste momento temos é que não haverá jornalistas abrangidos”, disse à Lusa Alfredo Maia.

A comissão de trabalhadores da TSF disse hoje em comunicado ter sido informada pelo director da estação, Paulo Baldaia, que “o processo iniciado terça-feira, irá afectar entre seis a 10 trabalhadores, estando essas pessoas a ser informadas directamente pelo director, uma tarefa que estará concluída até ao final da semana”.

A comissão de trabalhadores ainda não tomou posição sobre o processo, mas refere que será marcado um plenário para discutir o assunto, “o mais urgentemente possível”, de modo a que os funcionários da TSF possam decidir “uma eventual atitude perante o facto consumado”.

Contactada pela Lusa, a direcção da TSF escusou-se a comentar o caso.

JRS/EA.

Dezenas de trabalhadores da Controlinveste contestam despedimento coletivo

07/07/2014

Dezenas de trabalhadores da Controlinveste concentraram-se esta segunda-feira, em Lisboa e Porto, para contestarem o despedimento coletivo no grupo de comunicação social, alertando para os impactos que a medida terá no pluralismo da informação e na democracia portuguesa.

- [SOCIEDADE](#)

Trabalhadores do grupo, jornalistas de outros meios de comunicação, deputados e sindicalistas juntaram-se ao final da tarde numa vigília em frente ao Diário de Notícias (uma das publicações da Controlinveste), em Lisboa, em solidariedade e contra o despedimento coletivo de 140 pessoas na Controlinveste, que detém também o Jornal de Notícias, O Jogo, a TSF e a Notícias Magazine.

LEIA TAMBÉM

- [Adesão à greve é "sinal claro" para que Controlinveste suspenda despedimento](#)

"É o maior despedimento coletivo na comunicação social. Tem um impacto terrível para os trabalhadores neste momento de crise em que não há emprego. Mas o impacto não é só social, também há uma perda na qualidade da informação e no pluralismo, o que é muito importante", afirmou a vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas, Rosária Rato.

Adesão à greve é "sinal claro" para que Controlinveste suspenda despedimento

11/07/2014

O Sindicato dos Jornalistas considerou, esta sexta-feira, que a adesão à greve na Controlinveste, que chegou a 100% na Notícias Magazine e a 78% na TSF, é um "sinal claro" para que o grupo suspenda o despedimento coletivo.

Os trabalhadores da Controlinveste -- grupo de comunicação social que integra Jornal de Notícias (JN), Diário de Notícias (DN), TSF, Global Imagens, Notícias Magazine, Dinheiro Vivo e O Jogo - estão até à meia-noite em greve contra o anunciado despedimento coletivo de cerca de 140 trabalhadores, dos quais mais de 60 são jornalistas.

LEIA TAMBÉM

- [Vigília contra despedimentos na Controlinveste junta cerca de uma centena de pessoas no Porto](#)
- [Dezenas de trabalhadores da Controlinveste contestam despedimento coletivo](#)

Já fonte oficial da Controlinveste disse à agência Lusa que os dados finais indicam que a adesão à greve na empresa (incluindo todos os trabalhadores do grupo e não apenas os jornalistas) foi de 12% e garante que "os jornais [do grupo] vão sair" no sábado.

Segundo avançou à agência Lusa o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Alfredo Maia, a totalidade dos jornalistas da Notícias Magazine fez greve.

Na rádio TSF, 78% dos repórteres também aderiu à paralisação, que alcançou mesmo os 100% em dois turnos do dia.

A adesão à greve alcançou 60% dos jornalistas da redação de Lisboa do JN, enquanto na sede se ficou pelos 34% e ultrapassou os 33% na sede do DN e os 66% na redação do Dinheiro Vivo no Porto, segundo números do Sindicato de Jornalistas.

"Na Global Imagens, no Porto, não trabalhou qualquer repórter e, em Lisboa, apenas trabalharam dois", indicou Alfredo Maia. No jornal O Jogo, a greve "teve pouca expressão".

Abraços, lágrimas e palavras de conforto contra os despedimentos



Jornalistas de vários órgãos de comunicação reuniram-se contra os despedimentos de 160 trabalhadores, em Lisboa.

NUNO BOTELHO

Muitas dezenas de jornalistas e apoiantes concentraram-se junto do "DN", em Lisboa, num grito contra o despedimento de 160 trabalhadores do grupo Controlinveste. Abraços, olhares esguios, palavras conciliadoras e lágrimas marcaram a ação.

SORAIA C. RIBEIRO

Abraços demorados e diálogos reconfortantes. Foi isso que vi e senti quem por lá passou ao início da tarde desta quinta-feira. À medida que o relógio avançava, o número de jornalistas e de cidadãos anónimos apoiantes da causa ia aumentando.

Na véspera, o grupo Controlinveste, proprietário do "Diário de Notícias", "Jornal de Notícias", "O Jogo" e ainda da rádio TSF, anunciara um despedimento coletivo que abrangerá 140

trabalhadores e rescisões amigáveis com outros 20. De todos estes, 64 são jornalistas.

Em véspera dos festejos de Santo António e das marchas populares, as ruas estão calmas e o trânsito na Avenida da Liberdade condicionado. Mesmo assim, próximo dos manifestantes posicionam-se quatro polícias.

Surpresa, revolta e emoção

Foi na manhã de quarta-feira, quando recebeu um telefonema de Paulo Baldaia, diretor da TSF, que João Paulo Baltazar soube que fazia parte do grupo de trabalhadores envolvidos no processo de despedimento coletivo. Mas já na terça-feira um comunicado interno do conselho de administração antecipava essa medida, conta o jornalista ao **Expresso**. João Paulo Baltazar estava na TSF desde a sua fundação, em 1988. Era, a par de um colega, o jornalista mais antigo da rádio. Considerado pelos seus pares como um dos mais talentosos profissionais da rádio portuguesa, nem essa apreciação lhe valeu na hora de riscar nomes.

No caso do jornalista, o critério aplicado para o despedimento, como tantas vezes acontece, foi o salário elevado: "Quando soube do despedimento perguntei se era possível fazer uma renegociação dos salários, mas responderam-me que a média salarial da TSF é baixa e não iria ser possível", esclarece.

Em novembro do ano passado, o grupo Controlinveste mudou de mãos e a liderança passou de Joaquim Oliveira para o empresário angolano António Mosquito Mbakassi, próximo do Presidente José Eduardo dos Santos.

Desde que a nova administração, liderada pelo advogado Daniel Proença de Carvalho, tomou posse, já foram processados cortes de cerca de 5,5 milhões de euros. Mesmo assim, o despedimento coletivo é justificado com a

necessidade de reduzir custos de forma a garantir a sustentabilidade do negócio.

João Paulo Baltazar considera a situação como "inevitável num grupo que não tem sido gerido da melhor forma ultimamente". E adianta que, ao longo dos tempos, o jornalismo tem sido condicionado por muitos fatores: "Este é um trabalho de responsabilidade social que requer muitos meios e por essa razão se torna dispendioso".

Por entre abraços e palavras de conforto e de incentivo, o radislista explica que já sentiu muitas coisas ao longo deste processo. Primeiro veio a surpresa, depois angústia, logo a seguir a revolta e agora, confessa ao **Expresso**, "sinto uma onda de generosidade de pessoas que eu nunca vi e que nunca conheci. É uma generosidade que não esperava e que nos dá forças", relata com alguma emoção.

"Agora a primeira coisa a fazer é respirar"

As lágrimas escondem-se por detrás dos óculos de sol de Natasha Cardoso, que trabalhou na agência Global Imagens do "DN" como fotógrafa durante 14 anos.

"Já sabíamos disto há cerca de um ano, desde que a nova administração tomou posse, mas ninguém espera que nos aconteça a nós", explica, emocionada. Natasha tem uma filha de dois anos e o marido também se encontra no desemprego.

A má notícia foi-lhe dada ontem por Pedro Tadeu, subdiretor do "DN" e diretor da agência Global Imagens. "No 'Diário de Notícias' éramos cerca de 16 fotógrafos, sendo que 50% acabaram despedidos", conta.

Quando questionada sobre o que tenciona fazer no futuro, diz: "Agora o que posso fazer é respirar, tirar uma semana de férias e só depois pensar".

Os trabalhadores do "DN" foram os mais afetados com este processo. É João Marcelino, diretor do matutino lisboeta, quem tem comunicado aos trabalhadores o despedimento.

Apoiar os trabalhadores

O jovem escritor português Samuel Pimenta, vencedor do Prémio Jovens Criadores 2012, na vertente de Literatura, também fez questão de vir à concentração.

"Estou aqui para apoiar uma classe que, para além de ser a minha, garante a democracia em Portugal. Isto é um ataque à classe jornalística e é mais uma prova de que a democracia precisa de ser revista", explica.

Para Samuel "isto anuncia algo que ao longo dos anos tem vindo a acontecer, em que os grandes grupos económicos estão a tomar conta da nossa economia e são eles que ditam também as regras", opina.

Também Neuza Padrão, que recentemente começou a trabalhar como jornalista, esteve presente: "Neste momento não há lugar para ninguém. É incrível que não haja espaço para pessoas com a qualidade do João Paulo Baltazar. A mim chocou-me saber os números, mas acima de tudo os nomes que estavam associados a este despedimento coletivo", declara ao **Expresso**.

Para a jornalista, ver alguém a ser despedido desta forma, "alguém que é muito bom, um dos melhores", é desconcertante, deixando claro que "não há vagas para pessoas de qualidade porque essas custam dinheiro".

Neuza Padrão, que já estagiou na TSF, mostra-se preocupada com o futuro da rádio portuguesa: "Eles são muito poucos, eu não sei como é que vão manter a qualidade da rádio, que considero uma das melhores em Portugal, com tão pouca gente."

Quase com lágrimas nos olhos, Neuza remata que "os jornalistas não ganham bem, não são famosos, não têm na maioria outra fonte de rendimento e, portanto, uma indenização não os resguarda até à reforma". Além de que "quem trabalha por paixão, por norma, cedo não se quer reformar", conclui.